

ILUSTRAÇÃO

N.º 197 — 9.º ano



(Quadro de Leempoels)

Albert
roi des Belges

Sensacional novidade literária

O empolgante romance de

GUIDO DA VERONA

**MIMI BLUETTE
FLOR DO MEU JARDIM**

**A vida aventurosa, amorosa e
trágica duma grande bailarina**

*Romance dum amor verdadeiro que leva à renúncia
duma vida faustosa e de prazer*

Interessante descrição duma viagem através do deserto —
: : Impressionante relato dum combate com selvagens : :

LIVRO INCOMPARÁVEL

que atingiu já na edição italiana

250 MIL EXEMPLARES DE TIRAGEM

e na edição espanhola 40 mil. Traduzido também em
francês, inglês, alemão, tcheco, etc.

Tradução portuguesa do Dr. CAMPOS LIMA

Capa a cores do pintor ROBERTO

**VIDA — AMOR
PAIXÃO — RENÚNCIA**

1 vol. de 310 páginas, broch. Esc. 12\$50; encad. Esc. 17\$50

Pelo correio, à cobrança, mais Esc. 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

MARIA BENIGNA

O novo livro de AQUILINO RIBEIRO

Está no 4.º milhar

Autor consagrado, de mérito incontável, a aparição dum novo livro de Aquilino Ribeiro é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de Aquilino Ribeiro, e que transmitem à MARIA BENIGNA uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . . Esc. 12\$00
Encadernado. Esc. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$10	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

À venda a 4.ª edição

TERRAS DO DEMO

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 332 págs., brochado..... 12\$00
Encadernado..... 17\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

O MESTRE POPULAR

ou

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 500 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 - LISBOA

Telefone 2 2074

Cafiaspirina

Contra todas as
dôres



Grande sucesso literário

3.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

Prémio Ricardo Malheiro
Conferido pela Academia das Ciências de Lisboa

1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
encadernado 15\$00

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 2.ª EDIÇÃO DO

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 volume de 262 páginas, brochado 10\$00
Encadernado 15\$00

Pedidos aos editores **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.ª Sára Benoliel e Dr. Edmundo Adler

Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire
e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosíssimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LÍNGUA PORTUGUESA

POR A. R. Gonçalves Viana

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional»
e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme
a ortografia oficial

EM APÊNDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia
das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

ESTÁ À VENDA O

Almanaque Bertrand

para 1934

35.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tôdas as
publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas
portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tôdas as casas.
Passatempo e Enciclopédia de conhecimentos úteis

Colaboração astronómica e matemática muito interessante
por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em tôdas as livrarias

Um grosso volume de 384 págs., ornado de 463
gravuras, cartonado 10\$00
Encadernado luxuosamente 18\$00

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Acaba de sair

A 6.^a EDIÇÃO**Jornadas em Portugal**

por ANTERO DE FIGUEIREDO

“JORNADAS EM PORTUGAL”:
— não pôde haver livro mais sacro da
terra portuguesa, escrito com mais
linda e rica linguagem do que este.

EDUARDO SCHWALBACH.

1 vol. de 404 pág. brochado **12\$00**
encadernado **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75—LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIASexo Forte—(2.^a edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Opinião do ilustre escritor Julio Dantas sobre o SEXO FORTE

O novo romance de Samuel Maia, d'um rigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirã dada por largos valores, estuda a figura de um homem, especie de genio sexual, (na expressão feliz do neuriatra Tanzi) de cujo corpo parece exhalar-se um fluido que atrae, perturba e endoidece todas as mulheres.

Com o SEXO FORTE Samuel Maia conquistou um elevado logar entre os escriptores contemporaneos. — JULIO DANTAS.

Braz Cadunha — 1 vol. br. 6\$00

Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br. 7\$00

Luz Perpetua ficará entre os romances da nossa moderna literatura como um dos mais belos e da mais perfeita unidade. — *Ficay (Diario de Noticias)*.

Não conhecemos entre nós romance que mais vida e interesse reuna num simples capitulo. — *Diario de Lisboa*.

Luz Perpetua é a victoria do espirito sobre a natureza e sobre os instintos. — *Hemet. Arantes*.

Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br. 8\$00

Meu (O) menino — 1 vol. enc. 17\$00; br. 12\$00

Mudança d'Ares — 1 vol. br. 10\$00

Mudança d'Ares é uma rajada de ar puro. É um clarão de verdade. É uma afirmação latejante de vida. — *Julio Dantas*.

Mudança d'Ares, livro para todos, podemos dá-lo ás nossas esposas e ás nossas filhas, sem nos sugertarmos a comprometedoras perguntas. — *Augusto Lacerda*.

Mudança d'Ares é um dos raros livros de valor da geração presente, cuja leitura se impõe como uma obrigação, aliás muito agradável de cumprir pelo prazer espirital em troca. — *Campos Lima*.

Mudança d'Ares é um livro são, solido, bem escrito, onde ha observação, ironia, critica de excelentes desejos de evangelizar a vida grande, honesta e sem convenções patetas. — *Albino Forjaz de Sampaio*.

Por terras estranhas — 1 vol. br. 4\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**

Rua da Condessa, 80—LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS**Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática**

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulсар, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGÊNCIA—MOBILIARIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PREFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOUCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COUROS E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOÇARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINÁRIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina
a côres e ouro, custa apenas **30\$00**

À venda nas boas livrarias

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**—Rua da Condessa, 80—LISBOA

ACABA DE SAÍR:

ALEXANDRE HERCULANO

SCENAS DE UM ANNO DA MINHA VIDA

E APONTAMENTOS DE VIAGEM

Coordenação e prefácio de **Victorino Nemésio**

1 vol. de 324 págs., broc. **12\$00**
 enc. **17\$00**
 Pelo correio à cobrança, mais **2\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de sair a nova edição do

Desenho de máquinas

DA

Biblioteca de Instrução Profissional

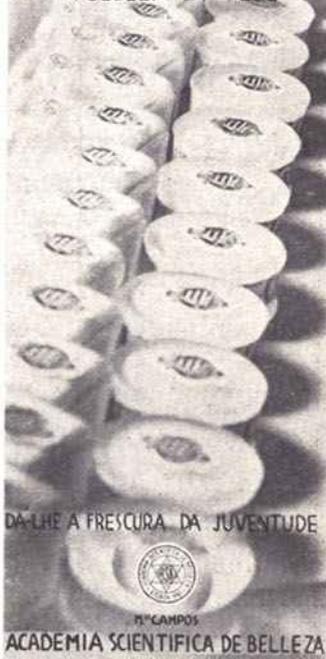
1 volume de 344 páginas, 283 gravuras e 91 estampas. Encadernado em percalina, **Esc. 30\$00.** — Pelo correio à cobrança, **Esc. 32\$50**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
 73, Rua Garrett, 75
 LISBOA

USE O CREME
Rainha da Hungria

INDISPENSÁVEL PARA
 A BELEZA DA PELE



DA LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA



Se Sois Pobre ou Economica Leve

Com a crise actual que a todos toca, quantos sacrificios se não fazem para alimentar um filho, ou restabelecer a saúde a um doente, adquirindo-se productos de elevado custo, quasi tão elevado como o ouro? Uma verdadeira ilusão, porque os productos não valem pelo que custam.

A MAIZENA DURYEA

apesar do seu economico custo, é o melhor alimento que existe. Rica em gluten, em proteínas e com 89% de hidratos de carbono, a "MAIZENA" é alem d'isso assimilavel em 2/3 minutos ainda no estomago mais delicado. Ha mais de 70 anos que se vende em todo o Mundo e dezenas de milhares de creanças e de doentes se têm robustecido com ela—e quantos lhes não devem a saúde e a vida!

A MAIZENA DURYEA é um alimento natural, sem misturas quimicas ou perfumes de qualquer especie.

As creanças comem-na com entusiasmo. A MAIZENA DURYEA leva-lhes cor ás faces, vigorisa-lhes os tenros órgãos, e torna-as robustas e sadias.

A fama da MAIZENA tem feito surgir infinitas imitações. Não faça caso do que lhe disserem e regeite-as—se não quiere pôr em risco a saúde de quem as usar.

A MAIZENA tem a mais larga applicação na confecção de doces, puddings, biscoitos, etc. Damos, gratis, um livro de cozinha, com receitas deliciosas e variadas, a quem no-lo pedir.



Port. 2

CARLOS DE SA PEREIRA, Lda.
 Rua dos Sapateiros 115, 2º, LISBOA

Queira enviar-me um exemplar gratis do seu livro de cozinha.

Nome

Morada

Localidade

SAMUEL MAIA
 Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
 encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

PROCUREMOS ver se Alberto I que a morte levou de súbito foi a personagem que o panegírico refere em termos grandiloquentes.

Tem de reconhecer-se que durante o seu reinado a Bélgica não se transformou, nem adquiriu nome, prosperidade, ou lugar diferente do ocupado antes. Do predecessor ainda pode dizer-se que ampliou o território, mediante incorporação do Congo muito artatamente pilhado ao património português. Ele, mais culto e não menos inteligente que o tio, de quem herdou a corôa, soube manter, sem conseguir elevar esse domínio a prosperidade digna de menção.

O Congo despovoado, ruinoso, suficiente prova da incapacidade colonisadora de Leopoldo II, continuou a proporcionar ruínas á Belgica, sem ser povoado por gente belga.

Por essa via não conquistou Alberto I fama, o que não é de extranhar, uma vez aceite e provada a claresa da sua inteligência, o seu tino de bom administrador, bastante solido para mostrar-lhe que quanto mais ousasse mais perdia, visto o negocio não ser de facil maneo.

É sob êste aspecto de prudência, de crítica lúcida, própria dos homens cultos e sagazes de raciocínio, que se revela interessante, mesmo raro. Aí se tornou notável, elevado de mérito, digno de admiração, pelo que não fez.

Poucos sabem resistir como êle à sedução da glória fácil, colhida do empreendimento vistoso, nunca pôsto em execução quando se sabe pensar e governar.

É assim que a figura toma proporção de grandeza, embora não aparente. Recusou-se a desempenhar o papel de cabotino, de charlatão, de comediante disposto a enganar o país com reformas e mutações espectaculares.

Apresenta-se sincero, honesto, trabalhador como nenhum outro se aponta no desempenho daquele cargo. Cumpriu o dever no silêncio, sem vir à cena, o que traduz um bom gôsto de alto quilate, ou nobresa a tocar no heroísmo pelo que revela de isenção.

Ora tamanho recato não significava timidez, próxima parente da covardia, porque ao deparar-se o momento grave em que teve de jogar o brio, o destino, a própria vida, decidiu-se sem hesitar.

O mais curioso é ser ainda uma recusa de colaboração em empresa pouco séria, o que teve de fazer então. O acto imenso praticado que decidiu dos destinos do mundo, consistiu em negar-se ao desempenho do papel de teatro que lhe ofereceram com geito de imposição. E mais

CRÓNICA DA QUINZENA

uma vez vincou o carácter porque soube executar com sobriedade e dentro das regras da elegância o transcendente dever por aquele modo aceite.

A sua entrada na história de pleno direito tem de registar-se com êsse timbre peculiar porque nenhuma figura se lhe compara na concisão de atitudes, na boa medida de gestos que empregou.

O grande louvor que ao morrer o envolve menciona apenas o acto sem realçar a maneira, quando é justamente nêsse pormenor que reside a qualidade original, a grandeza única do homem que desaparece.

A França continúva em gestação sem permitir cálculo sôbre o momento provável do parto. Mais um sintoma veio demonstrar como anda pejada de acontecimentos que não deve demorar a eclodir.

Foi a morte violenta do juiz Prince. Não se precisa mais para avaliar a agudeza da crise e compreender que se aproxima o instante da transformação. A consciência do povo francês, edificada por um excesso de provas nunca visto, deve chegar breve ao paroxismo. Denuncia-se o seu movimento vibratório na intensidade do choque emotivo agora recebido. Os jornais reflectem o que vai pelas almas do cidadão mediano, ainda considerado o instrumento decisivo dos actos de grande envergadura.

Votemos por que Doumergue saiba emendar à boa paz o que está errado e não pode continuar, pois seria pouco cómodo para os povos do ocidente, senão para todo o mundo, que a mudança se operasse tumultuária.

Não desesperemos. Também nas ruas de Lisboa a Legião Vermelha que operava ao lado das facções políticas, matou juizes a tiro, sem que depois se continuasse por muito tempo a resvalar na desordem sanguinária. Paris melhor temperado de inteligência e de nervos saberá reagir com prudência e segurança.

Há-de ter que ver o fundo do saco de Staviski.

Mais três vítimas da nobre arte de voar regista a crónica portuguesa. Não foi imprudência nem falta de atenção que mc-

tivou a tragédia agora ocorrida, mas a fatalidade que também por vezes persegue os audazes navegantes do ar.

Sempre que um acontecimento destes se refere, aparece em realce a dureza do officio, rigoroso como nenhum outro na severidade da disciplina a que obriga. Não permite falsear os preceitos estatuidos com expedientes fortuitos ou impostos.

Alguma coisa se parece com o de toureiro na violência do castigo que recebe a falta de perícia. Pode o médico, o advogado, o escritor, o artista de qualquer ramo momear, ou mentir, o que vem a ser enganar no exercício do seu mester. Aqueles não.

A menor competência, os descuidos, qualquer deslize custa-lhes caro. Pagam com a vida a ousadia de quererem aparentar aquilo que não são.

O distintivo merece por isso consideração e estima especial. Officios de verdade, por excelencia, temos de colocá-los em posto de excepção no apreço tributado àqueles que os exercem.

Num mundo de felonias permanente em que banqueiros burlam, juizes roubam, polícias matam, governos faltam á palavra dada, não podemos deixar de curvar-nos perante as actividades que não consentem qualquer mistificação, ou charlatismo.

Mais uns covados de Marquês se descobriram e novas surpresas, violentas e imprevisas se depararam aos olhos do infeliz habitante de Lisboa que transita pela sua muito estimada Avenida.

Apareceu agora no sopé da coluna um sapo com figura humana esborrachado debaixo de uma lousa. Atonitas andaram as gentes inquirindo o que representaria aquele animal exquisito, a espreitar por um buraco, em ar de quem está com mêdo do leão sanhudo e quer esconder-se aonde resguarde a pele de uma dentada.

Afinal vem a saber-se que se procurou por aquele modo figurar o terramoto provocado pelo omnipotente marquês, de proposito para reedificar Lisboa.

Deste ultimo feito que constituia a autentica gloria do homem não ha menção nos grupos esculpidos.

Quer disêr que o digno de elogio foi o desabar não o construir.

Um tal modo de louvar não lembraria ao Pinheiro das moralidades que há tempos perorava nas ruas da cidade.



O rei Alberto em conferência com o general French durante a invasão da Bélgica

Na madrugada do dia 18 de Fevereiro, o telégrafo espalhou pelo mundo a trágica notícia de que o rei Alberto I da Bélgica fora encontrado morto no fundo duma ravina, vitimado por um acidente de alpinismo.

Alberto I, que a história ficará conhecendo pelo cognome de «o rei-soldado», era sem dúvida uma das personalidades mundiais mais em evidência na nossa época. Símbolo vivo do heroísmo e lealdade dum pequeno povo, o seu nome era geralmente respeitado em todo o mundo. A notícia do brutal acidente que o roubava à adoração do seu povo e à estima de todas as nações, causou por isso fundo pesar em toda a parte.

O rei dos Belgas encontrou, como se sabe, a morte no exercício dum perigoso desporto que era particularmente grato ao seu espírito corajoso e combativo — o alpinismo. Dotado duma saúde robusta e dum físico vigoroso, empreendera já algumas ascensões difíceis. Escalára o Monte Cervino, o Monte Rosa e diversos outros cumes dos Apeninos e dos Dolomitas. Não hesitava mesmo em realizar essas audaciosas escaladas no decurso de violentas tempestades de neve ou sob uma temperatura glacial. E adquirira assim uma pericia que lhe permitia defrontar com segurança o perigo.

No dia 17 do mez findo, o soberano belga saíra da sua residência no castelo de Laeken, ao volante do seu automóvel. Acompanhava-o apenas um camarista. Chegado às imediações do local fatídico afastou-se depois de dizer que ia escalar um grande rochedo côncavo que dista da estrada cerca de 30 metros. O camarista devia voltar a encontrar-se com êle cerca de uma hora mais tarde. E o rei Alberto afastou-se ao encontro do seu trágico destino.

O que se passou depois ninguém o sabe, embora a reconstituição do desastre permita avaliar com relativa exactidão os acontecimentos. Tão pouco se sabe, ao certo, como foi descoberto o cadáver após uma noite de angustiosas pesqui-

sas. As primeiras informações atribuíram o achado a um guarda rural mas o relatório oficial indica-o como tendo sido realizado pelo barão Jacques de Dixmude.

A verdade é que o soberano foi encontrado caído e já hirto. Uma pedra a que se apoiara e que pelo seu volume julgou segura, desprendeu-se arrastando-o na queda. O corpo embateu violentamente contra a parede escarpada e o infeliz rei veio rolando até ao fundo da ravina com o crânio fracturado, tingindo de sangue os arbustos próximos. Assim findou uma vida gloriosa que o destino abateu com um único golpe implacável.

Alberto I, conhecido pela designação carinhosa de rei dos Belgas que os seus compatriotas preferiam à de rei da Bélgica, contava ao morrer cinquenta e nove anos incompletos.



O rei dos belgas, com o príncipe Leopoldo e o marechal Foch, nos funerais do cardeal Mercier

Ha dois anos, o rei Alberto assistiu em Paris a uma sessão do Instituto de França, do qual era então correspondente. N'essa sessão se o soberano foi saudado pelo general Pezans, actual ministro da guerra francês e por Roubon, que é também actual ministro dos estrangeiros



A MORTE DE

Uma queda fatal pôs fim à vida gloriosa

Corria-lhe nas veias sangue português. Era bisneto de D. Miguel e de D. Maria II. Descendia por outro lado de Luís Felipe, rei de França e de Leopoldo I, o grande fundador da nacionalidade belga.

Alberto I não estava destinado a reinar. Leopoldo II, seu tio, não tinha descendentes directos pelo que a coroa devia recair no sobrinho mais velho que era o príncipe Balduino, irmão primogénito do soberano agora falecido.

O príncipe Balduino morreu, porém, prematuramente e o trono que lhe estava reservado coube a seu irmão Alberto, quando em Dezembro de 1909 morreu Leopoldo II.

Logo que a morte de seu tio o tornou herdeiro do trono, Alberto I orientou a sua educação no sentido de se preparar para o bom exercício da autoridade. Dedicou-se à sociologia, frequentando assiduamente o Instituto dessa especialidade existente em Bruxelas. Conviveu e estudou com alguns dos grandes pensadores do seu tempo. Mas foi mais longe ainda. Quis conhecer de perto os grandes problemas da vida económica do seu país e sobretudo aqueles que diziam respeito ao bem estar das classes laboriosas. Para isso trabalhou incógnito, misturado na multidão anónima dos operários, cumprindo as mais rudes tarefas, junto aos altos fornos e aos comandos das locomotivas. Finalmente, lan-

ALBERTO I

próximo de Namur do heróico rei dos belgas

çou as suas vistas sobre o estudo das questões coloniais. A fim de conhecer exactamente os recursos e necessidades dessa vastíssima colónia que é o Congo Belga, empreendeu em 1908 uma longa e arriscada viagem, atravessando a África Equatorial de costa a costa.

Por isso, quando pouco tempo depois de regressar à Europa, o falecimento de seu tio, veio elevá-lo à categoria real, Alberto I estava preparado para realizar uma notável obra administrativa, que exerceu adentro dos limites restritos da Constituição.

Tal era o homem com justiça considerado «o primeiro dos belgas». Desprezencioso e acessível alcançou incomparável popularidade. Ao vê-lo procurar uma íntima aproximação das classes trabalhadoras, o povo murmurava que êle era socialista. E o seu prestígio era tão grande que pairava acima das divisões políticas. Alguém perguntou um dia a um republicano belga quem seria a individualidade escolhida para presidir à República se ela um dia viesse a ser implantada na Bélgica. E a resposta foi esta, na sua expressiva singeleza:

— Mais le Roi, certainement...

E seria sem dúvida o rei, porque nenhum outro cidadão tinha como êle o carinho e a admiração incondicional do povo.

Mas a admirável figura moral do rei Alberto só em 4 de Agosto de 1914 adquiriu toda a sua grandza.

Nesse momento crítico para os destinos

de toda a Humanidade, o falecido soberano exerceu um papel decisivo que lhe dá direito a um lugar de relevo na História contemporânea. O exército alemão invadiu a Bélgica sob o comando de Von Moltke, disposto a penetrar fundo no coração da França e

a inutilizar todas as suas possibilidades de resistência.

Nesse instante supremo, a Bélgica via espeznhadros os seus sagrados direitos de povo neutro. Fiel às obrigações que assumira, não cruzou os braços passivamente, numa atitude que seria afinal legítima em face da disparidade das suas forças. Preparou-se para a resistência, sacrificio heróico que lhe havia de granquear o respeito do resto do mundo. O rei Alberto encarnou esse admirável espirito que animava o seu pequeno país. Firme e tranqüilo ergueu-se na frente do invasor, sustentando-lhe o ímpeto brutal. O que foi essa defesa épica recordam-nos ainda todos os que viveram as horas angustiosas da Grande Guerra. Liège cala em poder dos alemães três dias depois de iniciadas as hostilidades. Seguíam-se Bruxelas e Namur. Em fins de Agosto desse ano a Bélgica pouco mais era já do que um pequeno exército agrupado em torno da figura heróica do rei-soldado,

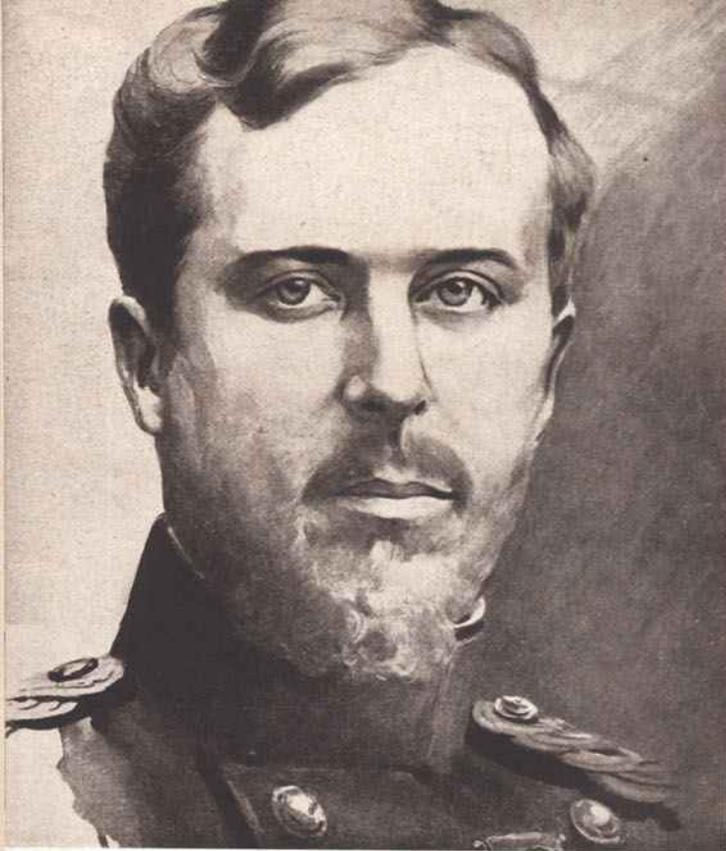
A família real belga numa cerimónia militar. Entre a assistência vê-se o sr. dr. Alberto de Oliveira, nosso ministro em Bruxelas, e ao fundo, na escadaria, um antigo combatente do C. E. P. segura uma bandeira portuguesa



O rei Alberto e o sr. dr. António José de Almeida, presidente da República Portuguesa, atravessando o Terreiro do Paço, quando da visita dos soberanos belgas a Lisboa

que defendia com tenacidade uma última faixa de terreno.

Insensível aos sacrificios quando êles tinham em vista a manutenção da independência, o soberano belga não mais abandonou as suas tropas. Durante os quatro anos em que a conflagração dilacerou a Europa, viveu sempre nos



Retrato a lápis do rei-soldado ao rebentar a conflagração europeia

campos de batalha. Foi ele o animador da heroica resistência na região de Ypres. E o seu prestígio contribuiu largamente para o estabelecimento do comando único sob as ordens de Foch, factor decisivo na vitória dos aliados.

Nove anos antes de subir ao trono, o falecido soberano belga casou com a princesa Isabel, duquesa da Baviera. Era seu pai o duque Carlos Teodoro, que se tornou célebre como médico e oftalmologista de renome.

Nasceram três filhos deste matrimónio. O primeiro, o duque de Brabante, Leopoldo, conta actualmente trinta e três anos e sucedeu a seu pai no trono da Bélgica. O segundo é o príncipe Carlos, mais novo dois anos que o antecedente, e o terceiro, finalmente é a princesa Maria José, de 28 anos. Um pormenor grato ao nosso espírito de portugueses é decerto o da princesa usar o nome de sua avó materna, a infanta D. Maria José, filha de D. Miguel, rei de Portugal. Perpetuando a tradição, o nome da princesa é pronunciado pelos familiares da corte belga com entoação idêntica à que lhe damos em Portugal.

Como dissemos é sobre o primogénito, príncipe Leopoldo, que recaiu nesta hora dolorosa o encargo pesado da coroa. A Bélgica que perdeu em Alberto I um chefe de admiráveis qualidades, num momento excepcionalmente difícil, espera agora encontrar em Leopoldo III o continuador da obra de seu pai.

Confiamos que assim seja.

O novo rei contava apenas treze anos de idade ao rebentar a guerra. Foi enviado com seus irmãos para Inglaterra. Os pais ficaram: ele, no campo da batalha;

O rei e o príncipe Leopoldo — hoje rei — no funeral do general Lehman, o célebre defensor de Liège.

ela, nos hospitais cuidando dos feridos.

Mas o príncipe insistiu em tomar parte na luta e os pais acabaram por ceder, apesar da sua pouca idade. Durante algum tempo trabalhou nas trincheiras, executando trabalhos violentos. Depois, à semelhança de seu pai, realizou uma longa viagem pelo interior do Congo Belga, espécie de aprendizagem para o momento em que o Destino o chamasse a gerir os interesses do seu povo. Dotado de excessiva timidez não manifestara até aos vinte cinco anos preferência por qualquer princesa. Foi, portanto, sua mãe, a rainha Isabel que tomou sobre si o encargo de lhe escolher noiva e a eleita foi a princesa Astrid, sobrinha do rei da Suécia.

Leopoldo conheceu a que lhe destinavam para esposa sem suspeitar do que se projectava. Mas quis o destino que o príncipe logo ao vê-la ficasse rendido aos seus encantos. A missão da rainha-mãe ficou assim extremamente simplificada. O casamento realizou-se em Novembro de 1926 e dele há dois filhos, que representavam o maior encanto da vida do bondoso avô que era Alberto I.

O saudoso rei dos belgas exprimiu mais duma vez a sua simpatia e admiração pelo nosso país. Tinha por Portugal e por alguns portugueses com quem convivera uma profunda estima. Conhecia perfeitamente a nossa história. E fez quanto pôde para estreitar os laços de amizade entre as duas nações, convencido de que uma íntima colaboração de Portugal e da Bélgica poderia vir a produzir magníficos resultados na África Equatorial.

Durante a guerra visitou mais duma vez o sector português da frente da batalha. Em 1 de Novembro de 1920 esteve de passagem em Lisboa, acompanhado da rainha Isabel e do actual

rei Leopoldo. A população da capital fez-lhe uma recepção apoteótica. Encheu as ruas à sua passagem, aclamando-o vibrantemente. Generoso e impulsivo, o povo português sentia melhor do que qualquer outro a grandeza consubstanciada nêsse rei duma nação pequena que lutara desassombradamente pelo princípio sagrado da independência.

A receber os soberanos belgas e o duque de Brabante estavam no Terreiro do Paço, em pavilhão de gala, o Presidente da República de então, sr. dr. António José de Almeida, que se fazia acompanhar dos membros do governo e altos funcionários do Estado. Realizou-se no Pa-



A princesa Maria José — hoje casada com o príncipe Humberto, filho do rei de Itália, ao colo de seu pai

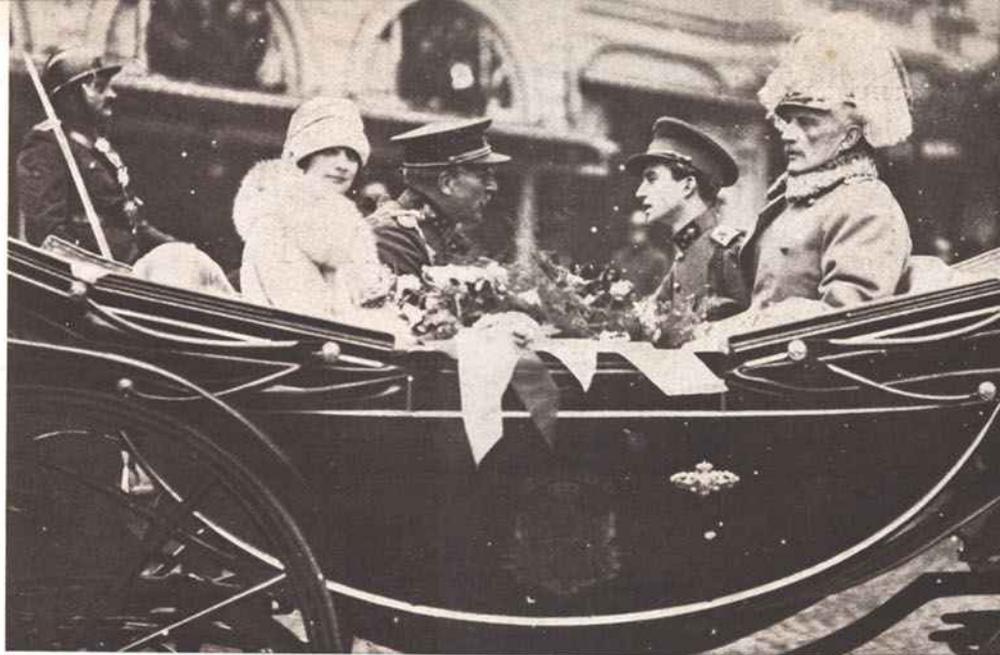
lácio da Ajuda um almoço íntimo durante o qual foram entregues ao herói as insignias da grã-cruz da Torre e Espada. De tarde, houve uma parada militar no Hipódromo de Belem. E às 20 horas a rainha Isabel e seu filho embarcavam no cruzador «S. Paulo» que os trouxera do Brasil. Quanto ao rei Alberto prosseguia a viagem por terra, chamado à pressa ao seu país por uma crise ministerial.



Em Maio de 1930, Alberto I teve nova ocasião de exprimir o seu apreço pelo nosso país, recebendo em audiência os jornalistas portugueses que visitaram a Bélgica por ocasião da grandiosa exposição colonial de Antuérpia.

O funeral do rei dos belgas revestiu extraordinária imponência. O Mundo inteiro associou-se ao luto da pequena nação. Tomaram parte no cortejo fúnebre delegações de quasi todos os países, muitos dos quais se fizeram representar pelas suas individualidades de maior destaque. Assim, em nome da França incorporaram-se no préstito, o presidente da República Lebrun, o chefe do governo Doumergen e o ministro dos Estrangeiros Barthou. A Inglaterra era representada pelo príncipe de Gales; a Italia pelos príncipes de Piemonte e Humberto da Calábria; a Roménia pelo príncipe Nicolau; a Suécia pelo príncipe Gustavo Adolfo; a Bulgaria pelo rei Carol e príncipe Cirilo; e a Dinamarca pelos príncipe e princesa Axel.

Às 7,30 horas do dia 22 a urna do soberano foi retirada do catafalco pelos veteranos da guerra e transportada para um armão coberto de crepes e bandeiras. Perante o feretro desfilaram



No dia do casamento do príncipe herdeiro com a princesa Astrid. Na carruagem vê-se, também, o pai da noiva, que é irmão do rei da Suécia

comoção que os domina. O herdeiro do trono cerra os dentes e as lágrimas rolam-lhe tranquilas pelo rosto. Seu irmão está lívido.

a expressão exacta do seu pesar pela morte do homem, do rei e do herói.

O luto da nação foi acompanhado de perto por Portugal. A classe de letras da Academia das Ciências de Lisboa, pela voz do sr. dr. Júlio Dantas, exprimiu o seu pesar no seguinte voto, que foi aprovado por aclamação:

«Não é costume a Classe manifestar o seu sentimento pela perda de individualidades estranhas à Academia, mas julgo interpretar o sentimento de V. Ex.^{as} propondo se exare na acta um voto de pesar pela morte prematura do rei da Bélgica. Faço-o porque o rei Alberto não era apenas o Chefe do Estado duma nação amiga, europeu eminente, exemplo das mais nobres virtudes cívicas, cuja morte enluta, não sómente a Bélgica, mas toda a parte da Europa, que, ao lado d'ele, lutou em 1914, pela liberdade e pela justiça»



Alberto I, visitando a frente portuguesa, acompanhado dos srs. drs. Bernardino Machado e Afonso Costa

depois cerca de 20.000 combatentes e tôdas as delegações estrangeiras.

Às 10,30 horas o cortejo pôs-se em marcha em direcção à igreja de Santa Gudula. Uma multidão imensa enchia as ruas de Bruxelas. De espaço a espaço soavam as salvas de artilharia.

O préstito avança com dificuldade por entre a multidão compacta. Há lágrimas nos olhos de muitos dos que assistiam. Alguns ajoelham-se à passagem da urna que contém os restos do rei. Chega-se por fim a igreja de Santa Gudula, cujos sinos dobram lugubrememente. A meio do templo está armado um grandioso catafalco onde a urna é colocada e coberta com a bandeira belga. Assistem à cerimónia a rainha viuva, o novo rei Leopoldo III e a princesa Astrid. O cardinal de Malines lança a absolvição ao defunto.

Terminados os ofícios fúnebres, o cortejo pôe-se a caminho do castelo de Laeken. Ao passar em frente ao monumento do Soldado Desconhecido belga o armão que conduz a urna real detem-se. Os clarins tocam a marcha de continência. Faz-se um minuto de piedoso silêncio.

Por fim o préstito fúnebre desemboca em frente da Nossa Senhora de Laeken. Perante o cadáver desfilam as diversas unidades militares. São milhares de soldados que vêm fazer a deradeira despedida ao seu rei.

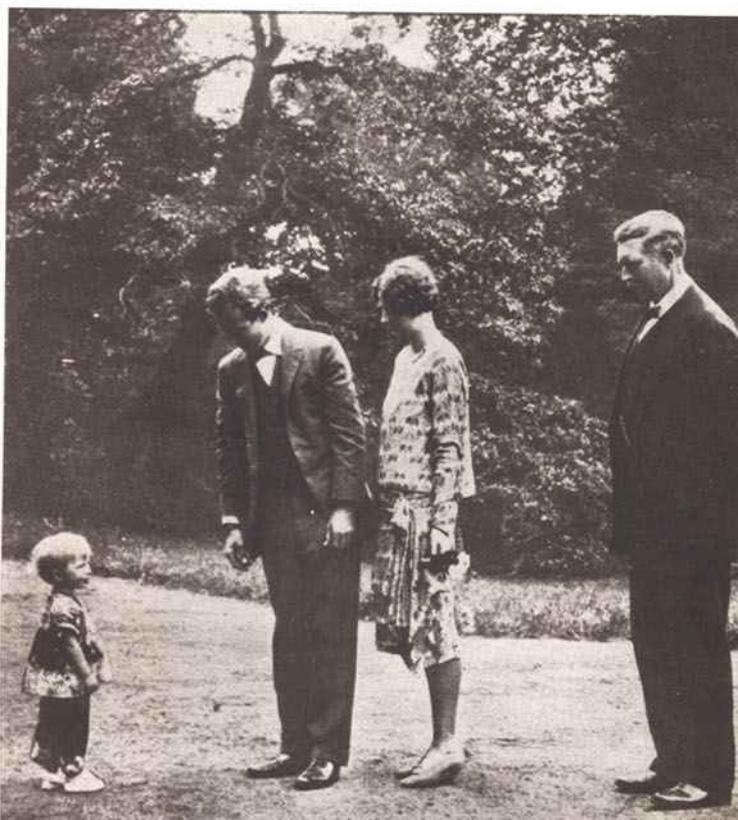
O príncipe Leopoldo e seu irmão Carlos assistem à cerimónia. Não conseguem dissimular a

Após o desfile militar. Aos ombros de alguns sargentos mais condecorados a urna é conduzida para o interior do templo e desce à cripta onde repousará para sempre. Ouve-se o último toque de clarim. Os sacerdotes lançam a absolvição ao morto.

Alberto I, o valoroso rei-soldado, pertence definitivamente a partir deste momento à História e à lenda.

Como tributo justíssimo a memória do grande rei, o governo português decidiu fazer-se representar nos funerais por dois dos seus membros: o sr. dr. Caeiro da Mata, titular da pasta dos Negocios Estrangeiros, e o sr. dr. Armindo Monteiro, da pasta das Colónias. O país inteiro aplaudiu decerto sem reservas essa decisão que constitue

O rei Alberto, com o príncipe Leopoldo, nora e netinho, nos jardins do palácio de Bruxelas. A fotografia foi tirada pela rainha Isabel





CARTA DO BRASIL

Carta, vai onde te mando,
por êsses mares sem fim...
Chega lá e, de joelhos,
dá-lhe saudades de mim...

(Do povo)

"Meu Pai:

*Mais uma vez as regras mal cuidadas
que escrevo, vão passar sôbre as ondas salgadas
do mar enganador... O mar da côr da esp'rança
que tanto me tentou e tanto já me cansa!...*

*Quando chega o correio, só Deus sabe e mais eu
as horas que me fico, à noite, olhando o céu
estrelado, a pensar p'ra ali em vomecê,
na Mãe... e em tudo o mais que até um cego vê
quando longe dos seus!...*

*Ah! não poder a gente
atravessar o mar, como a estrela cadente
atravessa, a luzir, o azul do firmamento!
Se isso, pudesse ser, bastava-me um momento
p'ra estar ao pé dos dois, assentado à brazeira,
contando o que tem sido esta moral cansada
desde a hora agoirenta em que eu, rude e boçal,
não quis acreditar na sorte em Portugal
quando, afinal, no mundo, a melhor sorte que há
é um homem nascer, viver e morrer lá!...*

*Ah! meu Pai! Cada vez que recebo uma carta
nem me lembro que sôfro!... O azar também se farta
e, vai eu, pôsto a lêr o que vomecê diz,
sinto a modos fechar-se a funda cicatriz
da minha solidão tristonha... Certos dias,
chego a crêr estar ouvindo o som d'Avé-Marias
e desato a rezar deixando a carta em meio!...
Outros, — leio, releio... e não sei o que leio!
Só vejo Portugal!... Lindo e tão pequenino,
que até cabe no som que se solta dum sino
e se perde no ar!... Pequenino e tão grande
que, no mundo, não há cantinho onde não ande
um português, como eu, mordido p'la saudade
de não poder voltar à louca mocidade*

*em que emigrou, sonhando idéas de riqueza!...
Que fortuna maior que a Terra Portuguesa?!...
Emigrar para quê?...*

*Pai: — se eu alguma vez
tambem fôr pai, meu filho há-de ser português.
Só lá me casarei, p'ra lhe poder contar
o que tenho penado, e para lhe ensinar
que o Brasil dos Brasis é lá na nossa aldeia,
onde a brôa é melhor que o pão da terra alheia...*

*Dê saudades à Mãe que, as minhas, p'ra consigo,
só à vista hão-de ter o seu fim, em castigo
da maldita ambição que foi o meu tropeço...
E agora p'lo Natal, faça-me o que lhe peço:
— à meia-noite, Pai, suba ao alto da serra;
ajoelhe por mim... e beije a nossa Terra!...*

*Esta carta, — que eu li numa prosa singela
falha de ortografia —
na forma original era, talvez, mais bela
e tinha mais poesia.*

*Achei a muito humana, mas agreste...
Quis dar-lhe o som das rimas e fiz mal:
— Os espinhos hostís duma rosa silvestre
são a razão de ser da graça que a reveste,
— a graça natural!*

E não se emenda Deus, Divino Mestre.

Silva Tavares.

(Do livro «Gente Humilde»)

A viagem aérea de Carlos Bleck à Índia Portuguesa



Vários aspectos da largada do avião de Carlos Bleck. Em cima, ao lado do aviador, vê-se o jornalista Felix Correia, grande propagandista e paladino dos feitos da aviação portuguesa



AS «ETAPES» DO «RAID»

Lisboa — Melilla	260 quil.
Melilla — Oran	260 "
Oran — Argel	370 "
Argel — Tunis	640 "
Tunis — Tripoli	630 "
Tripoli — Syte	405 "
Syte — Bengazi	540 "
Bengazi — Tobruk	438 "
Tobruk — Alexandria	620 "
Alexandria — Gaza	465 "
Gaza — Rutbah	642 "
Rutbah — Badga	474 "
Badga — Basra	530 "
Basra — Bushire	400 "
Bushire — Lingeh	510 "
Lingeh — Jack	410 "
Jack — Karachi	890 "
Karachi — Diu	670 "
Diu — Bombaim	435 "
Bombaim — Nova Gôa	450 "

10.470

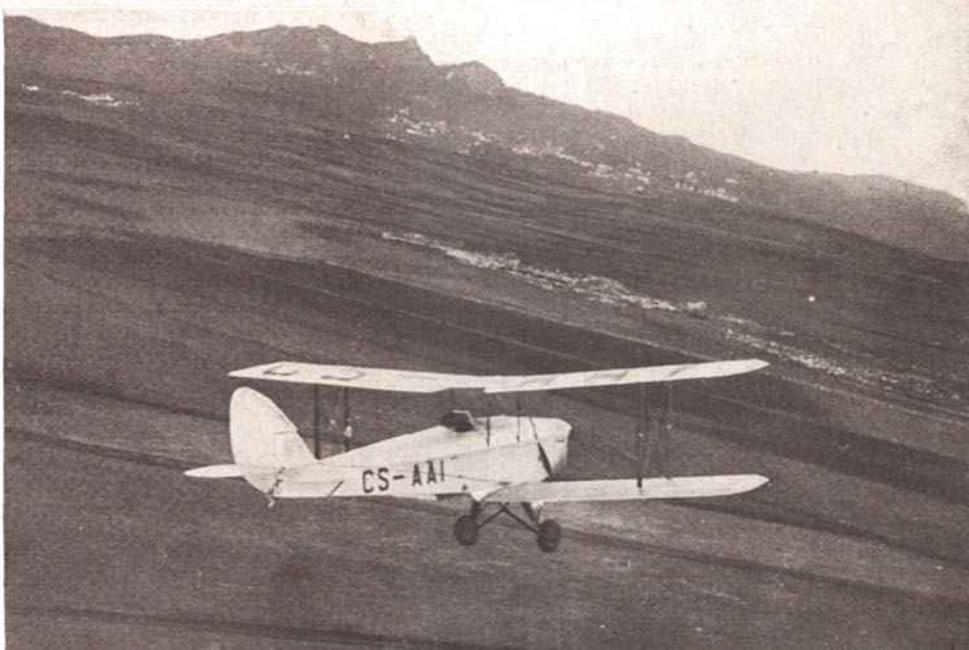
CARLOS BLECK — o conhecido piloto civil — vai, sózinho, a caminho da Índia. Largou, do campo de aviação de Sintra, no dia 19 do mês passado.

Interrogado, sobre a finalidade do voo, declarou:

— Sei unicamente que, caso consiga vencer os 21.000 quilómetros do trajecto, ida e volta, ficarei imensamente satisfeito, não só como aviador, mas também como português, e só essa ideia e ainda uma outra que para mim reservo me incitam a tentar a viagem que, dentro em pouco, vou iniciar.

O herói do «raid» Lisboa-Luanda-Lisboa tenciona estar em Nova Gôa apenas três ou quatro dias e regressar novamente pelo ar, seguindo o mesmo percurso. Eleva-se, portanto, a 21.000 quilómetros, o total da viagem, inédita ainda para qualquer piloto nacional ou estrangeiro.

E' de esperar da competência de Carlos Bleck, unida ao elevado fim do seu voo — simultaneamente patriótico e de enternecido amor filial — que a sua viagem tenha um êxito grande.





Gail Patrick, nova vedeta da «Paramount» que está marcando uma individualidade

O futuro do cinema de amadores é da mais alta importância para a evolução artística da cinematografia.

Estamos mesmo em eras que, um e outro se encontram indissolavelmente ligados. A forma definitiva e superior da sétima arte só encontrará a sua realização quando o cinema de amadores for uma realidade tanto ou mais tangível do que o é hoje a fotografia.

Nesse dia o cinema-arte estará totalmente libertado da servidão do cinema-espetáculo. O filme deixará pelo menos nas suas manifestações mais elevadas, de ser uma indústria sujeita aos interesses antagônicos do capital. As mais diversas tendências artísticas poderão então evoluir no sentido duma completa expansão.

Para isso é preciso que o cineasta encontre tanta facilidade em compor os seus ritmos de imagens como o pintor tem em fixar na tela os seus quadros ou o escultor em modelar o barro. E que o possa fazer com a mesma independência. — M. R.

Maurice Chevalier vai interpretar uma nova versão de opereta «Viuva Alegre», no papel que consagrou John Gilbert.

Falando a um jornalista francês sobre a projectada realização, Maurice declarou:

— Estou contente por interpretar este filme. Julgo que o argumento de «Viuva Alegre», mais do que qualquer outro, me oferecerá ocasião de mostrar as minhas capacidades. O filme deverá ser mais variado, mais completo do que qualquer dos que produzi anteriormente. Cantarei, dançarei, representarei cenas dramáticas. Será enfim um grande filme em que empregarei o melhor de mim mesmo.

Para contracenar com Maurice indica-se com grande insistência a formosa Jeanette Mac Donald. Mas há também quem fale em Joan Crawford, Lilian Harvey, Gloria Swanson... E há até quem diga que o realizador do filme, que será Ernst Lubitsch, se interessa por uma cantora

CINEMA

No mundo do «écran»

desconhecida que teria, desse modo grandes possibilidades de alcançar o papel.

Maurice ensaia actualmente danças com a célebre bailarina Albertina Rasch.

A filmagem deve iniciar-se nos primeiros dias deste mês.

A acreditar em certas notícias que nos vêm da América o rosto sedutor de Mae West corre terrível perigo e um grupo de hábeis «detectives» vela dia e noite pela sua segurança.

Foi o caso de que há alguns meses as jóias da famosa actriz no valor de 240.000 francos desapareceram sem que a polícia conseguisse voltar a descobri-lhes o paradeiro. Acusado de autor do roubo foi preso o conhecido «gangster» Edward Friedman, que deve ter comparecido perante o tribunal por estes dias.

Após a prisão de Friedman, Mae West começou a receber telefonemas e cartas intimando-a a retirar a queixa e ameaçando-a de lhe pôr o rosto em tal estado que não lhe ficaria «sex-appeal» suficiente para tentar um esquimó.

A intenção dos criminosos seria, evidentemente, desfigurar a actriz com vitriolo. Mae West não toma a ameaça a sério. Mas a polícia julgou oportuno exercer à volta dela uma apertada vigilância.

Quando o fonocinema surgiu em 1927 já como uma realidade iniludível havia no firmamento cinematográfico 86 «estrelas». Hoje existem apenas 21.

Que artistas de então se mantêm na actividade?

Entre os homens; John Barrymore, Ronald Colman, Laurel e Hardy, Ramon Novarro, Richard Dix, Will Rogers, Richard Barthelmess e Wallace Beery. Entre as mulheres, apenas duas: Norma Shearer e Janet Gaynor.

Em compensação, alguns artistas conquistaram o posto de «estrelas» a partir dessa data. Estão nesse caso Greta Garbo, Joan Crawford, Marie Dressler, Lionel Barrymore, William Powell, Warner Baxter e Gary Cooper. E outros ainda surgiram do anonimato para a mais intensa publicidade, como Marlene Dietrich, Clark Gable, Charles Laughton, e Katharine Hepburn.

No meio deste cintilar de astros que se acendem e apagam apenas uma «estrela» permanece invariável — Charlot.

Samuel Goldwyn está fazendo exhibir pelas grandes cidades dos Estados Unidos o primeiro filme americano de Ana Sten, a admirável actriz de «Passaporte amarelo» e «Os irmãos Karamazov». Essa produção, que está obtendo um

êxito estrondoso, é a adaptação ao cinema de «Nana» o conhecido romance de Zola.

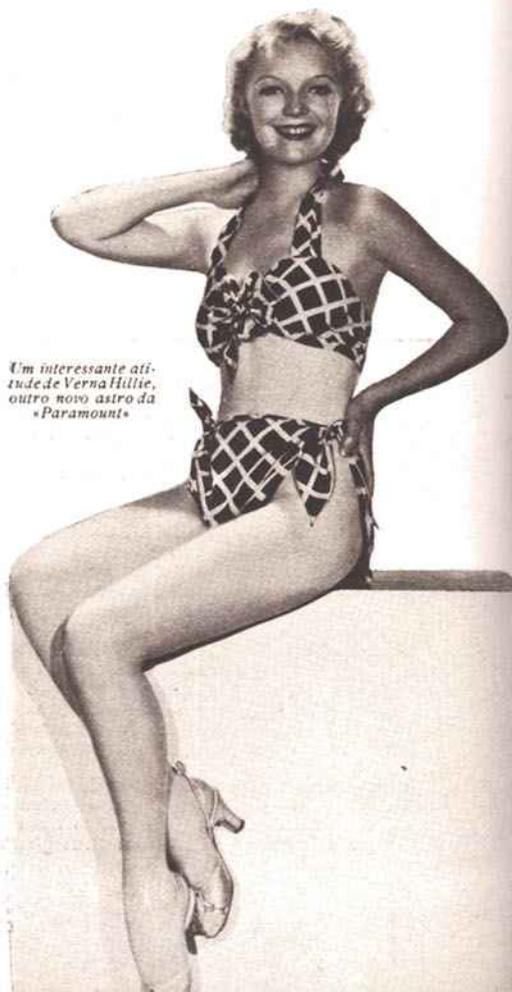
O filme está porém muito longe da obra que lhe serviu de tema. E prevendo justos reparos e reclamações é apresentado como «sugerido pelo romance de Emile Zola», não se inculcando, portanto, como uma adaptação.

Na verdade a essência da obra de Zola foi totalmente modificada. As divergências não se limitam ao pormenor da acção. Vão até ao sentido filosófico da obra. A assim, Nana não simboliza, no filme americano, a cortesã, o triunfo da bestialidade sobre a razão, tudo isso que Zola fixou em páginas que são das mais brilhantes que a sua pena produziu. Em Nana-filme, o que há é uma pobre rapariga, vítima das circunstâncias que persiste em procurar a felicidade num amor verdadeiro.

Mas apesar disto, o filme tem qualidades que a crítica estrangeira põe em relevo e que são a base do inegável êxito que está alcançando.

Samuel Goldwyn prepara agora, ao que se diz, uma espectacular apresentação do seu filme em Moscovo, para o que entabulou negociações com o governo soviético.

Ana Sten está repousando das fadigas de «Nana». Em seguida interpretará «Ressurreição», segundo a obra imortal de Tolstói. Rouben Mamoulian será o realizador. A seu tempo veremos se o espírito do escritor russo é mais respeitado que o do vigoroso romancista francês.



Um interessante attitude de Verna Hillie, outro novo astro da «Paramount»

ILUSTRAÇÃO

EM PLENO VÔO chocam dois aviões morrendo os aviadores Brito Pais, Rodrigues Alves e Avelino de Andrade

O que ficou do avião tripulado pelos capitães Rodrigues Alves e Avelino de Andrade, após o choque, a trescentos metros de altura, contra um "Morane," pilotado pelo tenente-coronel Brito Pais. O motor explodiu, segundos depois de cair nuns terrenos, a dois quilômetros do campo de aviação de Sintra. Os corpos dos malogrados aviadores ficaram carbonizados, a ponto de estarem irreconhecíveis.

Os destroços do aparelho de Brito Pais, que, sem uma asa, se veio despedaçar perto dum pequeno muro, a mais de cem metros de distância do avião de Rodrigues Alves e Avelino de Andrade. O cadáver do glorioso aviador do "rald., Lisboa-Macau, foi tirado da carlinga, todo mutilado, por uns camponeses que trabalhavam num campo fronteiro ao local do desastre. —>

As três vítimas da horrível catástrofe: tenente-coronel Brito Pais, capitão Rodrigues Alves e capitão Avelino de Andrade. Os dois primeiros tinham uma larga e honrosa fôlha de serviços possuindo inúmeras condecorações e o último, moço ainda, era contudo um "ás," da acrobacia aérea, piloto admirável e esgrimista de valor. —>

As urnas, contendo os restos mortais dos desditos aviadores foram conduzidas aos ombros dos seus camaradas, desde o altar-mór da igreja de S. António da Sé, até aos armões de artilharia, entre alas compactas de povo. —>



O cortejo fúnebre atravessando o Rossio, que estava apinhado de povo, em direcção à Avenida da Liberdade. Atrás da urna de Brito Pais, seguia o sr. ministro da guerra, acompanhado de oficiais superiores do exército e da armada. —>



A mulher de há trinta anos

ENTRE a mulher de hoje e a mulher de há trinta anos há um verdadeiro abismo. A diferença é muito maior do que a que existia entre uma senhora de 1904 e outra que tivesse vivido cem anos antes. A guerra, êsse período de quasi cinco anos, que encheu de pavor, de sangue, de luto quasi todo o mundo, marcou um novo período na humanidade. Acabou com tudo o que havia antes e criou uma nova vida, uma nova moral, uma nova maneira de ser. E nessa sociedade nova, nesse ambiente, que passados 15 anos ainda é para muitas uma surpresa, a que se não habituam, quem sofreu uma maior modificação foi a mulher.

A mulher, hoje, é quasi um homem. Tem vontade, tem iniciativa, ganha a sua vida, conhece as lei do país em que habita, é ministra, é deputada, é negociante, professora, médica, é aquilo que quer ser. Monta a cavallo como os homens, fuma como um turco, bebe «cocktails» como um marinheiro americano. Claro que não me refiro à mulher portuguesa, que felizmente sempre um pouco em atrazo ainda não tem a desenvoltura da mulher de além Pirinéus até à Ásia.

A mulher de há trinta anos, desde a sua «toilette», à sua mentalidade, era completamente diferente. O seu penteado de popa monumental

ondulada, em que a beleza dos cabelos se ostentava opulenta, que à noite guarnecia com fitas e até com flores, tinha um não sei quê da «coquetterie» do século XVIII. A beleza do rosto era, porém, natural. Uma senhora que usasse qualquer coisa na cara, que não fôsse uma leve nuvem de pó de arroz branco, era muito mal vista e atribuía-se-lhe logo a uma falta de juízo. Os vestidos eram complicadíssimos, um «tailleur» tinha cauda e tão complicada forma que quasi se pode dizer que não havia vestidos simples. Os chapéus que os acompanhavam eram adornados com muitas penas e enfeites. Para a noite as rendas, os folhos plissados, as mangas tufadas, os «jossous» em seda «glacée» cheios de rufas e de franzidos, tinham um «ruge-ruge» que denunciava a mulher «chic» e elegante. E, no entanto, debaixo da complicação do vestuário e do penteado existia uma alma muito mais simples e menos complicada do que a da mulher de hoje, vestida com um simples «tailleur» em «tweed» de corte masculino, um «pull-over» e uma boina de «tricot».

A família tinha há trinta anos uma outra unidade. As raparigas habituadas a obedecer a seus pais, a curvarem-se à sua vontade, tinham uma outra maneira de encarar a vida. Não ambicionavam mandar, nem apenas viver para gozar. As meninas não saíam sós, sua mãe acompanhava-as sempre ou uma pessoa da sua confiança. Era o tempo em que as famílias passeavam juntas, em que as filhas faziam as compras, que suas mãis queriam que elas fizessem. A convivência entre raparigas e rapazes, era sempre vigiada pelas famílias. Nos bailes, as mãis sentavam-se em volta dos salões, com suas filhas adiante. Ali os rapazes as vinham cumprimentar, com requintes de delicadeza, que já não existem e que seriam talvez alvo da troça, das mal educadas de hoje. As conversas eram ouvidas pelas mãis. Quando se dançava não era de bom tom conversar e aí do rapaz, que ousasse ser um pouco menos correcto, porque a menina educada debaixo da disciplina dos pais, não lho permitiria e passando palavra às outras meninas, êsse rapaz difficilmente arranjaría par para a dança. A mentalidade das raparigas de então era talvez um pouco romantica. Sonhavam com o amor. O casamento era a única finalidade da vida duma mulher.

Havia raparigas que fingiam de ingénuas e havia as que sinceramente o eram. Mas mesmo as que não o eram, teriam que aprender com as raparigas de 15 anos de agora, a quem a educação livre faz conhecer bem cedo a vida. E um bem ou um mal? É indiscutível, mas essa discussão não tem cabimento nesta página sobre o que era a mulher de então. A menina dessa época amava com simplicidade e preocupava-se muito mais com o sentimento do que o namorado lhe inspirava, do que com a fortuna dêle. Sabia que era um amor para toda a vida. Casada, tratava de se adaptar ao marido, aos seus gostos, aos seus hábitos, porque se o não fizesse seria muito infeliz, não tinha a facilidade de mudar de marido, como quem muda de casa. Depois de casada, a mulher de há trinta anos, não dançava, ou se o fazia, era só com uma pessoa de família ou de inteira amizade de sua casa. Os maridos de então, não concordavam que suas mulheres andassem duns braços para os outros, embora nessa época a dança em nada se assemelhasse ao que



é hoje. Os corpos não se tocavam. Apenas a mão na cintura e as mãos se uniam levemente. A contradança era o refúgio das senhoras casadas, assim como os lanceiros. Em compensação as senhoras que não saíam tanto, ocupam-se muito mais das casas, dos seus filhos e da sua educação. As mulheres de há trinta anos foram as últimas duma maneira de ser que acabou. Há quasi vinte anos rebentou a guerra, há quinze acabou e a mulher modificou-se completamente. A mulher dessa época com raríssimas excepções que confirmam a regra viam com o casamento findar a sua vida sentimental. O amor do marido era para toda a vida. Êsse sentimento tornava-se numa sólida amizade e criavam-se e educavam-se os filhos no respeito aos pais, a família, à religião. Ninguém ousaria considerar os pais «bagagem pesada» ou «arame farpado».

A mulher de então sabia fazer-se respeitar por seus filhos e êsse respeito em nada diminuía o afecto que lhe dedicavam. A mulher nessa época contentava-se em ser mulher, a sua ambição consistia em amar, ser amada, casar, educar seus filhos, ser uma boa dona de casa e debaixo do seu penteado complicado, as ideias eram simples. Era feliz com a sua sorte, a sua elegância «fanfreluchée» dava-lhe o ar extremamente feminino, dava-lhe um frágil aspecto que seduzia o homem, inspirando-lhe respeito. Eram tão frágeis as rendas, amarrotavam-se tanto os folhos, as mangas amplas obrigavam a uma respeitosa distância, os chapéus demandavam um certo equilibrio. A mulher de há trinta anos tinha uma elegância muito requintada e não é possível ver as «toilettes» de então, nas distrações de hoje. Seria impossível fazer a vida actual com uma «toilette» de há trinta anos.

Maria de Eça.



A mulher dos nossos dias



Uma mulher de hoje com as nossas costelas a mais; um homem de hoje com quatro costelas a menos! Resumamos numa fórmula única: sexo 1933. Em vez de dois, como antigamente, a humanidade conta actualmente três sexos: o ex-sexo masculino, o ex-sexo feminino e o sexo 1933. Os dois primeiros da Arca de Noé, após o dilúvio de 1914 — e o último, nascido ontem dos despojos dos primeiros, mas tendo já percorrido o mundo, estando já a governar o mundo.

Hás-de confessar, César, homem dos sexos defun-

tos, que diante desta criação, soberba e inesperada, o panorama da vida, a paisagem do amor, o aspecto do mundo mudaram. O sedutor de ontem, namorador, fêmeiro, algoz, passando a vida atrás das mulheres e suspirando ao luar; a mulher de há vinte anos, tal como nós a conhecemos na nossa mocidade, a Eva pálida, epistolar, doidinha pelos poetas, seduzida e abandonada, a mulher vítima e frágil, ingénua presa da tirania masculina, são hoje uma curiosidade de museu, como o chapéu de côco, as calcinhas de renda e a guitarra de D. João.

Enquanto eles, o sexo novo, o sexo dinâmico, caminham para o futuro dentro das calças do mesmo pijama e fumando o mesmo cigarro — nós, César, diante deste surpreendente espectáculo, sentimos-nos um pouco (devemos confessá-lo) avós de nós próprios. Mas temos de nos inclinar diante da evidência, por mais que isso te custe, namorado impenitente. Vou mesmo confessar-te uma coisa. Vi há dias, num jornal estrangeiro, uma deliciosa caricatura. Numa praia mundana, uma linda mulher quasi nua, apenas com os rins cobertos por um *maillot* de banho, deitada de braços sobre a areia, fuma um cigarro, enquanto ao lado um pequenito brinca. Um velhote, miope, de óculos e suíças brancas, de colarinhos e guarda-sol, aproxima-se inclinando-se, sem a vêr, sobre a senhora que, nesse momento, expõe ao sol a redonda flôr do seu «posterior» tisonado e descoberto, e, tirando reverentemente o chapéu, diz à criança: «Desejava, se possível, apresentar os meus cumprimentos a sua excelentíssima e respeitável mãe».

Pois, querido César, sabes de quem eu me ri às gargalhadas, vendo a caricatura? Da respeitável mãe! Do menino? Não. Do velhote. O velhote é que era ridículo. Quem é que, hoje em

dia, se lembra de ir passear o seu respeito, de chapéu aberto e botas de verniz, por uma praia? O respeito? Valha-nos Nossa Senhora! Outro sobrevivente da Arca de Noé!

Essa geração, a do sexo 1933, é melhor ou pior do que a nossa? Nem melhor, nem pior. É diferente. E (é preciso ser justo) sob muitos aspectos, ela representa, no exagero do seu insexualismo desprovido de encanto, no excesso do seu desdém por tudo o que é passado, contemplação, sonho, cultura, tudo quanto não é movimento e força — ela, essa juventude, representa uma justa, salutar, benéfica reacção.

Nós constituíamos, meu velho, uma geração intoxicada de literatura até aos ossos. Tu aludes, por mais duma vez, a essa neurastenia literária nas suas relações com o amor. Mas é preciso ir corajosamente até ao fim, até à verdade. A literatura tinha-nos apodrecido física e moralmente, não apenas na vida sentimental, mas em todos os aspectos da energia humana. O lirismo tinha invadido até a política. A guedelha, as olheiras, a enfase, a intriga sentimental, a libertinagem sensual dominavam espiritualmente, Romantismo? Não. Pior do que o romantismo, que foi uma reacção sincera da imaginação. Simbolismo, satanismo, intimismo, teatro de tese, cepticismo de idéas, vício e hipocrisia, monomania livresca, excesso de leitura — e tudo isso complicado com o colarinho, a labita, a tristeza na arte de vestir, a monotonia na arte de pensar, a valsa, o absinto e o delírio da paixão. Estúpido século 19! — grita Daudet, Horrível 1900! — proclama Morand.

Veio a guerra, veio a paz — veio o dilúvio. Um mundo acabou, um mundo nasceu. E esse mundo novo trouxe consigo uma reacção física formidável. Trouxe a alegria do músculo, da vértebra, o prazer da má educação, uma simplificação da vida que se manifesta em tudo — nas mulheres, no sport, na indiferença sentimental pelo amor, no entusiasmo pelo ar livre, na emancipação sexual da juventude. Proclamou-se o *jazz-band*, destronou-se o fraque, inventou-se o cinema, proclamou-se, entre os direitos do homem, o direito à ignorância, aboliu-se a velhice, esteve quasi a abolir-se a mulher — e o amor, que ontem era um jogo reservado de alcova e de salão, passou a ser uma espécie de *foot-ball* entre os dois sexos em que quem dá mais pontapés é quem ganha.

Vantagens? Mas, meu caro, ei-las: uma geração que pensa menos, mas uma geração imensamente mais forte, porque imensamente mais emancipada do que nós da futilidade, do protocolo, da bagatela, da cerimónia de viver; muscularmente mais vigorosa, plasticamente mais bela na sua nudez esplêndida ao sol; incrivelmente mais jovem de que nós fomos; que não sabe nada do que nós julgávamos saber e crê saber tudo o que nós nunca soubemos — uma geração criada com o culto da máquina, do movimento, da velocidade, da irreverência, com o desdém pela Arte, tal como nós a concebíamos, pela sensibilidade, tal como nós a criámos, pela convenção, tal como era no nosso tempo.

A fundamental verdade é que a mulher — a rapariga de hoje — já não é o objecto recatado, a faiança de luxo, que os homens da lua, da nossa geração, César, julgavam ter sido criada

por Deus para seu aprazimento, devancio e suplicio — da mesma forma que os caçadores imaginam que a codorniz e o coelho foram feitos expressamente para eles caçarem. Tu mesmo o dizes: havia caçadores de mulheres, como havia caçadores de lebres. Isso acabou. A mulher foi a última escrava sentimental do nosso tempo. Hoje criou uma vida própria — e, na pressa, na sofriguidão, na impaciência de a criar, começou por copiar os nossos cigarros, os nossos penteados, as nossas calças e os nossos hábitos. Não lhe queiramos mal por isso. Pouco a pouco, ela voltará, ela está já voltando, à sua feminilidade. Daqui a alguns anos, voltará a haver mulheres, podes estar certo. Já começa a haver algumas.

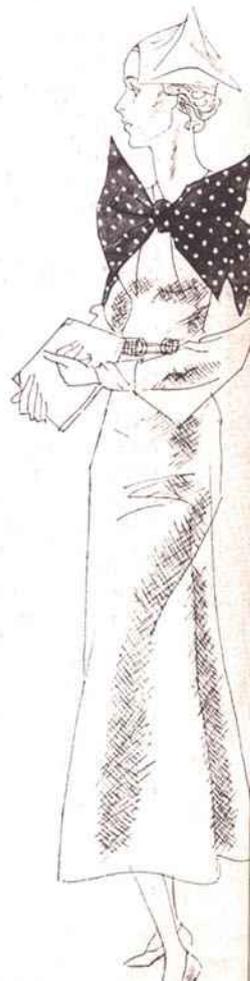
Dessa incursão feminina nos nossos arraiais, nos nossos pijamas e nas nossas ceroulas, alguma coisa ficará, como definitiva aquisição de Eva. A conquista de todas as emancipações humanas foi sempre gradual. A mulher, nestes anos em que foi homem, aprendeu a conhecer-nos. Já não nos teme. Aprendeu, sobretudo, a conhecer-se. Sabe que é um ser livre, como nós; capaz, como nós, do trabalho, do triunfo, do direito de escolher e de viver. Perdeu o gosto de ser vítima. A frequentação masculina, a camaradagem do homem deram-lhe a certeza de que um par de calças é muito mais interessante de longe que de perto. Aprendeu a defender-se. E se D. João voltasse em pessoa, a este mundo, crê, César, que lhe seria hoje muito mais difícil escalar janelas e coleccionar virgens do que lhe foi na Sevilha do seu tempo.

No nosso tempo — antes do século que decorreu nos últimos vinte ou trinta anos — não era moda ser novo. Entre os dezassete e os vinte anos, nós sentiamos-nos irremediavelmente velhos — e cantávamos a desilusão de viver. Todo o jovem que se prezava, mal lhe despontava o buço, proclamava que estava cansado da existência, arqueava o busto, arrastava a fala e fazia sonetos à morte. As raparigas, aos vinte e cinco anos, diziam: «meu Deus! sinto-me velha!» Era elegante ser *blasé*. Só pelas alturas dos quarenta anos, nós experimentávamos um rebate de consciência e começávamos a andar para traz, a considerarmo-nos novos, a achar a vida bela. E foi desta estranha concepção da vida às avessas que nasceu na literatura a «mulher de 30 anos», «o homem de 40 anos» e os romances de Bourget.

A mocidade regressou à Natureza, de que nós, à força de literatura, nos tínhamos afastado; ama o mar, o sol, o box e o *jazz-band*; a nudez e a verdade não ofuscam nem a perturbam.

Augusto de Castro.

(Do livro «Sexo 33»)



UMA "ESTRÉLA" EUROPEIA

Brigitte Helm

na intimidade do seu lar

à-vontade que revela bom gosto, emergindo de lindos vasos de cerâmica lavrada. Sobre um estrado alinham-se vasos de flores de coloridos variados. E acima de todos, um cacto de espécie rara que acaba de florir e que Brigitte Helm aprecia particularmente.

A sala ao lado é onde Brigitte Helm passa as suas horas vagas. Sobre o tapete de cores vivas. «Tobias», um elegante «sky-terrier», e «Ali», uma graciosa gatinha siamesa, enroscam-se para a sesta. A um canto da sala há uma grafonola e ao lado a estante de discos, onde Brigitte Helm acumula uma notável colecção de belas peças musicais.

O quarto da artista é um modelo de sobriedade e elegância, composto em tons claros e luminosos. Ao lado fica a sala de ginástica, onde Brigitte Helm se dedica todas as manhãs à prática dos exercícios que lhe permite conservar inalteráveis as linhas perfeitas do seu corpo esbelto.

À volta da vivenda corre uma varanda, onde costumam realizar-se os «garden-party» que a artista oferece aos seus amigos.

É habitual vê-la aí ocupada na decoração, pendurando balões venezianos, dispondo surpresas, com uma proficiência de dona de casa que os seus admiradores do «écran» estão longe de lhe atribuir.

Mas na verdade, a interprete de personagens misteriosas do cinema é na intimidade uma mulher alegre, desprezenciosa e sempre bem disposta. É o seu carácter reflecte-se no ambiente do seu lar, suave e tranquilo, onde não existe lugar para convenções rígidas e enfadonhas.



ENTRE as «estrelas» de cinema europeias, Brigitte Helm destaca-se como uma artista de raro valor, que alia aos mais sedutores dotes físicos um admirável poder de expressão.

Seria longo enumerar todas as grandes criações desta admirável actriz. Mas vale a pena recordar algumas que, pela sua categoria excepcional, dão a medida dos seus vastos recursos histriónicos.

Brigitte Helm revelou-se, pela primeira vez em toda a pujança do seu belo talento, no filme «Metropolis» de Fritz Lang. Como o leitor talvez se recorde, a formosa «estrela» desempenhava nesta espectacular produção um duplo papel, interpretando dois personagens de carácter oposto. O modo nítido como conseguiu acentuar as diferenças psicológicas entre um e outro papel impuseram-na à admiração geral. A sua actuação logrou mesmo destacar-se sobre o fundo absorvente do filme, carregado de estranhos simbolismos.

«Mandrágora» é outro filme que Brigitte Helm pode legitimamente contar entre os seus maiores triunfos. Através dum tema confuso e deficientemente realizado, a sua interpretação destaca-se pelo extraordinário vigor.

Mas a mais recente produção da formosa actriz e a que está por certo mais presente ao espírito do leitor é a de «Atlântida». Brigitte Helm imprime à sua criação de Antineia uma incomparável aureola de mistério e terrível sedução. Pierre Benoit deve ter imaginado ao escrever o seu romance uma mulher perturbante e fatal, formosa e fascinadora, como só Brigitte Helm o sabe ser.

Esta admirável actriz, que ao cinema alemão tem dado uma colaboração valiosa, é hoje uma das «estrelas» de cinema europeias mais em evidência. Mas ao contrário das suas congêneres de Hollywood, o seu viver é feito de simplicidade e equilíbrio. Um jornalista que a visitou na intimidade do lar, descreve do modo seguinte o ambiente em que se reflecte a suavidade feminina do artista:

Logo à entrada encontra-se uma «sala de flores» que substitui o «jardim de inverno» caído em desuso. As plantas estão ali dispostas com um



O ministro da marinha assistiu a manobras de flotilhas navais inglesa e holandesa

O ministro da marinha comandante sr. Mesquita Guimarães assistiu há dias a alguns exercicios efectuados pelas divisões navais inglesa e holandesa, que estiveram no Tejo, em visita oficial.

No dia 15, embarcou o ministro a bordo do conductor de flotilha "Wallace," navio-chefe da 5.^a esquadra ligeira britanica, acompanhado por sua esposa, pelo embaixador, e embaixatriz e pelo consul geral da Inglaterra, em Lisboa, pelo almirante Saavedra, comandante geral da armada e por outros convidados officiaes,

Logo que safu a barra a esquadra fez, a grande velocidade, exercicios de mudança de formatura e de estabelecimento



A 5.^a esquadra ligeira inglesa em exercicios ao largo de Cascais, com a assistência do ministro da marinha, embarcado no navio-chefe "Wallace", que se vê no primeiro plano

d'Arcos, onde os convidados passaram para o nosso contra-torpedeiro "Tamega," que os trouxe até ao quadro dos navios de guerra.

Antes de passar do "Wallace," para o "Tamega," o ministro português saudou

Ao largo de Cascais os dois submarinos fizeram uma imersão, indo um a 10 metros de profundidade e outro a 40.

Finda a imersão, que durou quarenta e cinco minutos, os barcos dirigiram-se a toda a velocidade para a baía de Cascais, encontrando-se então com o nosso submarino "Hidra," para o qual passaram o ministro da Marinha e os restantes convidados.

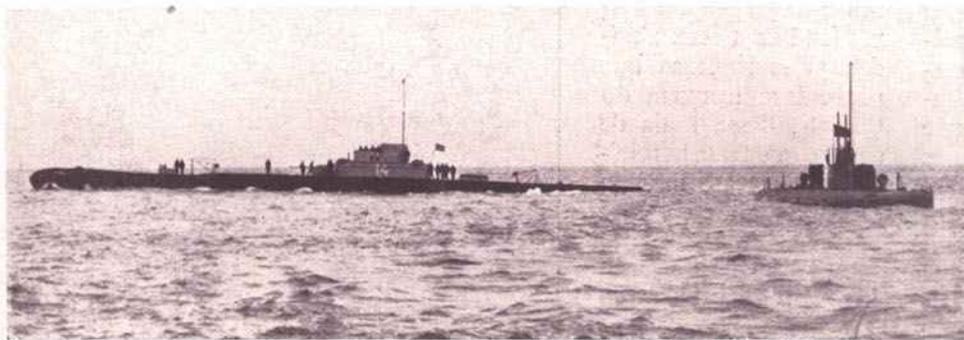
E enquanto o "Hidra," largava para Lisboa, os submarinos holandeses tomavam o rumo de Palermo, prosseguindo assim a sua viagem para o Oriente.

No dia 23 entraram no Tejo mais dois contra-torpedeiros holandeses: "Evertzen," e "Piat Hein." Atracaram á doca da Rocha de Conde de Obidos. Os respectivos

comandantes, srs. Doormass e Prowans, receberam, a bordo, a visita do official de dia do "aviso," "Gonçalo Velho," e estiveram no ministério da marinha, acompanhados do encarregado de negócios do seu país.

Os officiaes da flotilha deram vários passeios e assistiram na legação da Holanda, a um banquete que lhes foi oferecido.

(Fotografia do maior aviador Vinheiro Correia, tirada a cinco metros de altura, gentilmente cedida á "Ilustração").



O submarino "K. 12" aproximando-se do nosso "Hidra" afim do ministro da marinha passar para o navio português

de uma cortina de fumo, desfilando, por fim, perante o "Wallace," donde o comandante Mesquita Guimarães, ladeado pelo embaixador britanico e pelo almirante Saavedra, presenciou a passagem, que impressionou admiravelmente tôdas as entidades.

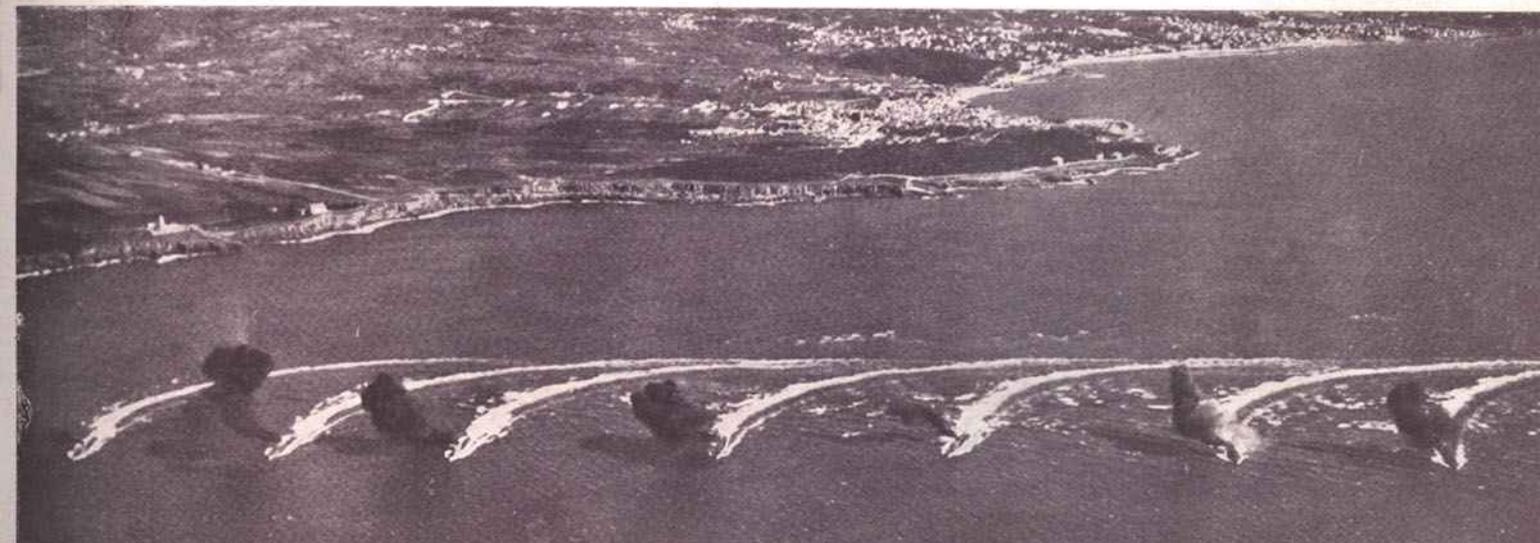
No final dos exercicios, a esquadra inglesa seguiu com rumo a Gibraltar, vindo o "Wallace," até ás alturas de Paço

o comodoro Lyster, comandante da 5.^a esquadra dizendo-lhe:

— V. Ex.^a têm uma flotilha que manobra como um só navio.

No dia 16, o comandante sr. Mesquita Guimarães, saiu para o mar a bordo de um dos dois submarinos holandeses, que passaram pelo Tejo a caminho das Índias Neerlandesas. Acompanharam-no o ministro da Holanda e alguns officiaes portugueses convidados.

A esquadra inglesa evolucionando ao largo de Cascais





Trecho do monumento

A Trofa do Vouga é uma velha povoação empoleirada numa colina e debruçada sobre uma veiga muito verde e fresca, numa paisagem amena, rica de luz e de vegetação, suave e tranqüila, uma paisagem com as mesmas tonalidades que a de Serém, que inspirou as delicadas iluminuras do Missal de Estevam Gonçalves.

A Trofa foi vila e concelho, por foral dado por El-Rei D. Manuel em 1517, e lá tem o seu pelourinho lembrando o que foi, em contraste com o que hoje é—apenas uma aldeia, quase sem movimento, com um aspecto rústico, pitoresco, mas abandonada e pobre.

Nos velhos tempos tinha cento e noventa e dois fogos e compreendia o lugar de Costovais e da Mourisca, e este último é hoje importante. Há terras que, assim como certas famílias, caíem em verdadeira decadência.

Do solar dos senhores da Trofa não há vestígios. Ignoro quando teriam desaparecido as velhas pedras que dele restassem, pertença dos fidalgos a quem a vila foi doada, descendentes dum nobre da Galiza, que se veio estabelecer em Portugal aí por 1350, e se chamava Ruy de Lemos ou Lopo de Lemos.

O senhorio da Trofa foi dado por D. Afonso V a Gomes Martins de Lemos, assim como o da Pampilhosa, e passou depois a João Gomes de Lemos, filho primogénito do primeiro senhor da Trofa

e seguiu para o neto, Duarte de Lemos, sendo-lhe confirmado por D. Manuel em 1514.

Numa tarde de verão, tépida e clara, uma doce tarde portuguesa, fui visitar a igreja da Trofa, que é o panteão dos Lemos, e lá encontrei os túmulos dos fidalgos e a estátua orante de Duarte de Lemos, 3.º senhor da Trofa, que foi capitão-mór da Costa de Cambaia, gigante áspero e violento, que passou a sua estada no Oriente em continuas dissidências com o grande Afonso de Albuquerque, e no seu regresso a Portugal mandou fazer, na Trofa, uma

capela para o panteão da sua família, que, segundo afirmam os entendidos, é do melhor que possuímos da arte do Renascimento em Portugal. Decerto o 3.º senhor da Trofa engrandeceu a povoação e à volta do seu solar agrupou novas famílias, talvez atraídas pelas riquezas que porventura trouxera do Oriente, dessa Índia de sonho, que tanta heroicidade, mas também tanta cobiça despertou nos portugueses.

A Trofa recebeu o seu foral de vila, e teve a sua igreja matriz, em que se integrou, como sua capela-mór, a capela dos Lemos, que para isso generosamente a ofereceram, doando igualmente o terreno em que a nova igreja se construiu.

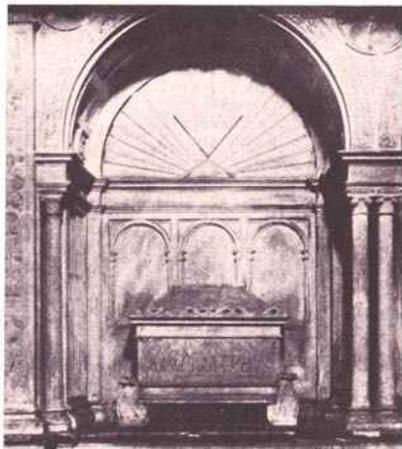
O exterior da igreja da Trofa nada tem que chame a atenção, e no interior só a capela-mór, panteão dos fidalgos, é notável, mas impressiona-



Igreja contigua ao monumento

A TROFA JÁ NÃO HAVERÁ dos célebres fidalgos

ram-me mais as artísticas fotografias do interessante trabalho do sr. Barão de Lacerda "O Panteom dos Lemos" que põem em relêvo os pormenores



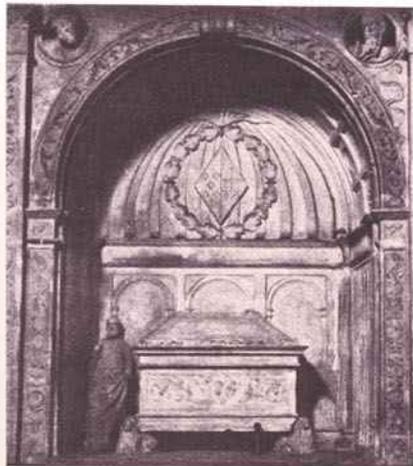
Túmulo de Gomes Martins de Lemos

de todos os ornamentos e esculturas que cercam os túmulos, do que a própria realidade, que em conjunto me pareceu mais descolorida e apagada.

A estátua de Duarte de Lemos, essa sim, impressionou-me, quere repro-

DO VOUGA DESCENDENTES da aldeia de Trofa?

duza fielmente o gigante batalhador da Índia, quere o artista o tivesse idealizado ou favorecido.



Túmulo de Joana Joana de Melo

Duarte de Lemos, ajoelhado na sua almofada, com o peito robusto coberto pela armadura, as mãos postas, o rosto atento, de feições regulares emolduradas na barba e no cabelo que lhe desce abaixo da nuca, tem uma tal

realidade que nos parece que vive e que reza. As mãos finas, esguias, são verdadeiras mãos fidalgas.

Uma inscrição sobre o túmulo dá a capela como construída em 1584 e Duarte de Lemos como falecido em 1586.

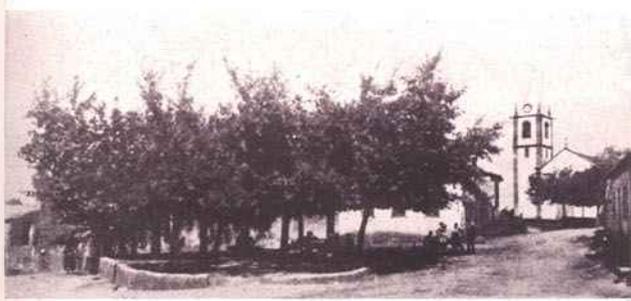
No livro do sr. Barão de Lacerda, em que vou colhendo notas, conclui-se que estas datas fôssem alteradas, pois que não podem corresponder às que seriam possíveis referindo-se ao 3.º senhor da Trofa e só conseguem acertar no seu neto, que também se chama Duarte de Lemos e foi o 5.º senhor da vila, e grande partidário de D. António, Prior do Crato.

Não há dúvida, porém, que a filiação indicada na inscrição do túmulo se refere ao primeiro Duarte, que batalhou na Índia.

Acontece, porém, que o Duarte de Lemos querido das tradições locais é o 5.º senhor da Trofa, que foi também de reforçada estatura e dispunha duma força herculea, como provam as lendas que ainda hoje o povo da Trofa nos conta e nos repetiu a mulher que veio abrir a igreja.

O extremado amor da pátria, o ódio à opressão espanhola, tornaram o segundo Duarte para sempre venerado no espirito popular. Não viria daí a viciação das datas?

Como podem eles esquecer o Duarte de Lemos que vindo a cavalo



Largo de D. Duarte de Lemos (Pelourinho)



Estátua de D. Duarte de Lemos

pela ponte de Coimbra e avistando Filipe II, não o querendo saudar, nem recuar, se precipitou com o cavalo sobre o rio?

E outra vez, andando com um criado a lavar o seu campo, apareceram ali homens da justiça espanhola e perguntaram: "Onde é que mora aqui o fidalgo?" O gigante mandou tirar as vacas do arado, pegou no timão e levantando-o num só braço apontou dois caminhos dizendo: "Tanto pode ir por aqui como por ali."

E os homens da justiça já não quiseram saber mais nada...

E no salto de Coimbra, "...bondade que o cavalo arrebitou e o fidalgo ficou de pé!..."

É bem compreensível que seja este o Duarte de Lemos que o povo vê na estátua orante da capela da Trofa, como o fidalgo que todos conhecem e admiram.

A lealdade e a valentia têm um inapagável prestígio.

O fidalgo da Trofa será sempre o que tanto amou Portugal e se lhe conservou fiel.

Era nêle que eu pensava ao sair da igreja nessa clara tarde de Agosto, serena, tépida, em que o céu azul tinha uma setinosa doçura.

Via-o, singelamente, cultivar os seus campos, amar os pobres, viver retirado, no seu senhorio, e figurava-me o braço robusto e a mão esguia, mas firme, levantando o arado como uma pena...

Embora se rectifique a inscrição: aquele é que é o Fidalgo da Trofa.

Maria de Carvalho.



Fac-símile duma gravura do meado do século XVI, existente no «British Museum», de Londres, mostrando, em atitude erética, herética e belicosa, o valeroso infante D. Henrique e adiversa a tomazão de Ceuta pelos portugueses.

OS DESCOBRIMENTOS DOS PORTUGUESES E A GLORIOSA FIGURA DO INFANTE D. HENRIQUE

Evocar o infante D. Henrique não é, portanto, fazer exibição desse saudosismo patriótico que define na contemplação de passados esplendores. É exaltar uma figura que pertence por nascimento a Portugal mas que pela sua obra grandiosa é parte integrante do sagrado património da Humanidade.

Estas considerações foram-nos sugeridas por dois livros ingleses há pouco vindos a público e em que os descobrimentos dos portugueses são referidos com alto espírito de justiça.

Esses livros são «The Portuguese Pioneers». (Os pioneiros portugueses) e «A history of exploration». (História dos descobrimentos). É autor do primeiro o escritor Edgar Prestage e do segundo sir Percy Sykes.

«The Portuguese Pioneers» é inteiramente dedicado à história das navegações lusitanas no período que vai de 1415 (conquista de Ceuta) a 1515 (morte de Afonso de Albuquerque).

O autor começa por evocar, prestando-lhes justo preito de homenagem, às figuras dos grandes navegadores à frente dos quais coloca o Infante D. Henrique como admirável impulsor dessa obra de titãs. Refere-se a Vasco da Gama, Pedro Alvares Cabral, Fernão de Magalhães (em cujo nome emprega a grafia Magellan), Duarte Pacheco, Diogo Cão e Bartolomeu Dias. Evoca depois os que podemos chamar heróis secundários por não terem como os anteriores conhecido a celebridade: João Fernandes, o lavrador, que descobriu a Groenlandia, anos antes de Cabot aí ter chegado, e os irmãos Córte Real, mortos nas águas da Terra Nova.

Um dos capítulos de divulgação mais curiosos do livro é o que se refere às condições de navegação da época. As naus tinham uma tonelagem que variava entre vinte cinco e mil toneladas. Os mantimentos iornecidos a cada tripulante da esquadra do Vasco da Gama em 1497, durante a sua viagem à Índia, eram constituídos diariamente por cerca de 700 gramas de biscoitos, meio quilo de carne, litro e meio de água, oito decilitros de vinho, azeite e vinagre. Em dias de festa a carne era



Reprodução de uma estatueta grave e marcial — esculpida no princípio do século XVI, e que se encontra no jardim dos Serenissimi. Um historiador atribuiu a seu respeito: «Vaca se conserva mais viva a lembrança do infante D. Henrique, mádo do rei D. Manuel I, levantado no Mosteiro de S. Ildefonso, a sua figura» — por a coluna que fica no meio da porta do mosteiro que faz frente para o mar, foram do mesmo pedra, com as inscrições que indicam a sua glória nas empresas luso-indianas, que entraram e conseguiram, como Príncipe Guereiro e Argemãis.

substituída por arroz, peixe ou queijo.

O autor reivindica em seguida para o seu país uma parte na glória de D. Henrique, o Navegador, baseado na circunstância de ele ser filho de D. Filipa de Lencaestre, de origem britânica.

Outro aspecto cheio de interesse do livro de Edgar Prestage é o que se refere à actividade secreta da República de Veneza, lesada nos seus interesses de grande empório pelos descobrimentos dos portugueses, e que por intermédio dos seus agentes de espionagem em Lisboa travou durante longos anos uma guerra surda pela supremacia nos mares.

O autor termina por apreciar a política da Igreja perante o facto inesperado que os descobrimentos representavam e as soluções dadas pelos Pontífices a esses embaraçosos problemas. Cita a propósito Cristovão Colombo, pronunciando-se decididamente a favor da nacionalidade genovesa do descobridor da America do Norte. Em sua opinião, Portugal têm títulos de gloria suficientes para precisar de reivindicar o de ter sido berço de Colombo.

No que se refere ao livro de sir Percy Sykes, «A history of exploration», trata-se duma vasta obra onde estão compendiadas as grandes viagens de exploração que desde a mais remota antiguidade revelaram ao homem os segredos do globo terrestre.

O autor começa por se referir às expedições dos Vikings e às invasões das ordas mongóis. Ocupa-se das viagens de Marco Polo, o extraordinário explorador veneziano que de 1270 a 1295 percorreu os confins do Globo, entrando em contacto com povos desconhecidos e observando usos e costumes ignorados na sua época. Refere-se depois à época das navegações, concedendo ao nosso país o lugar de destaque que de justiça lhe cabe. Salienta três nomes que, em seu entender, simbolizam essa epopeia: Vasco da Gama, o descobridor do caminho marítimo para a Índia, Infante D. Henrique, o animador das navegações portuguesas, e Cristovão Colombo, a quem atribue, com critério discutível, «o maior acontecimento da história das explorações».



Retrato do infante D. Henrique, que figura nos séculos pintado atribuído ao pintor Nuno Gonçalves e em que o grande navegador nos aparece com um semblante austero, que se nos afigura em contraste com a gravura de Londres.

Cita finalmente Fernão de Magalhães, o circun-navegador, cuja admirável viagem em torno do globo pôe termo

glorioso à época dos descobrimentos. Presta depois homenagem ao pequeno povo que contendo pouco mais de um milhão de almas, conseguiu difundir pelo mundo inteiro o seu nome e a sua fé, apesar de insistir no erro, tantas vezes já apontado, de considerar os navegantes portugueses como movidos por fins puramente mercantis, quando o certo é que um levantado propósito os animou durante toda a epopeia.

História depois as principais viagens de exploração de tipos modernos em que avultam nomes como os de Livingstone e Cook.

Uma omissão ha a salientar nesta obra, que pesa ao nosso brio patriótico. E essa refere-se aos nomes de Capelo e Ivens, que têm direito incontestável a figurar em lugar de destaque na lista dos pioneiros da civilização do Continente Negro, e que sir Percy Sykes deixa passar sem a merecida referência.

«A history of exploration», embora não seja uma obra animada de especial simpatia e apreço pelo nosso país, como sucede com o livro de Edgar Prestage, rende contudo a Portugal uma significativa homenagem que se traduz pelo espaço dedicado aos seus gloriosos feitos.

Certas passagens do livro, como aquela em que se pretende demonstrar a superioridade da viagem de Colombo sobre as dos portugueses, poderiam ser facilmente rebatidas e fazemos votos por que alguém mais competente do que nós o faça.

Os dois livros a que acabamos de nos referir são, como vimos, uma contribuição para a vasta bibliografia das navegações lusitanas. Ao fazer referencia ao seu aparecimento temos, acima de tudo, em vista recordar com satisfação e orgulho o lugar incomparável que o nome de Portugal ocupa na história da Humanidade.

A VIDA DO "MONHÉ"

em Lourenço Marques

Lourenço Marques. — Janeiro de 1951. — Lourenço Marques, a linda capital da «Costa Oriental da África Portuguesa», perpetua o esforço heroico dos colonos que para aqui vieram, quando a sua área se limitava a uma centena de metros quadrados — murada e arrelhada — povoada de brancos que bastas vezes sofreram os horrores da invasão do gentio rebelde e o rigor dum clima péssimo que todos os dias, ceifava, que ao solo e à soberania, tanta falta faziam.

De pântanos e montanhas de areia surgiu uma cidade esplêndida e um posto magnífico, que causa espanto aos que por aqui passam. É uma cidade enorme, com largas avenidas asfaltadas, de cinco quilómetros, rasgadas desde o «Alto Mahé» ao alto da «Polana», donde se avista o Índico verde e manso e um céu diferente do de Portugal, menos amplo e mais quente, em cujas alturas brilha um sol rubro que despeja para a terra africana os seus raios duros que dobram a natureza e as gentes sob a sua ardência exaustiva e infernal. Tem belas praças, edifícios modernos, lindos jardins, amplos cinemas, viação eléctrica e auto-omnibus, uma população cosmopolita de 40.000 habitantes, aproximadamente, que se desencontra todos os dias a caminho das suas ocupações.

A sua vida, já bastante movimentada, e os seus vários aspectos, dão margem a crónicas curiosas. A vida nos seus «bas-fonds» é curiosíssima, e dissecá-la representa uma necessidade moral, arrancando do mistério factos que adormecem com os que deram causa, queimados pelo álcool, envenenados pelo ópio ou envelhecidos pela tentação do ouro, e, que gravitam à beira duma existência de crápula, causando nojo e ao mesmo tempo piedade...

Bairros velhos que não foram demolidos — onde há indícios de coisas extraordinárias, impossível quasi de descrição, anseio de vida tormentosa, notas de heroísmo bárbaro que o tempo calou nas que os aspectos dessas casas terreas, esburacadas desvendam, como as rugas da face denunciam sintomas de cansaço e de doença, ou traços de velhice — dão-nos a estampa real do que antes fôra o lugubre presídio de Lourenço Marques, encravado num pântano donde se levantavam nuvens de «anofelis» que invadiam, como os indígenas de quando em quando, a pequena povoação de heróis, que nós, por egoísmo ou por maldade, tanta vez esquecemos...

Destá vez iremos ao bairro «monhé», que tem por artéria principal, a rua da Gavea.

Antes de entrarmos no assunto da nossa crónica, permita o leitor que lhe expliquemos, primeiro, quem são estes «intrusos», que nem o país de que são súditos, nos seus domínios da África, os deseja!...

Da Índia, geralmente, imigra o indígena mais sordido, mas velho, capaz de atravessar o mundo a pé, para não gastar um centavo. Quando os portugueses aqui chegavam, já pelo interior e em franca comunidade com os selvagens de então, existia tão bela gente.

O dinheiro para eles vale mais do que a própria vida, e por ele sujeitam-se a todos os ultrajes e às mais duras provas do clima, por isso, não era de extranhar que as longuinhas paragens do sertão escondesse gente assim.

Estabelecidos os «monhês» — em toda a parte, e vivendo como o preto, em palhotas infectas, vestindo tanga, comendo milho assado e mandioca cozida, conseguiram amealhar fortunas que a Índia conserva nos seus cofres e deitar abaixo o comerciante europeu, que vivia como «gente», e que não se sujeitava à intimidade com o selvagem, para que a falta de respeito não compromettesse a nossa soberania.

Destá maneira, os «monhês», na sua quasi totalidade pouco escrupulosos, foram vindo para

o litoral, onde se estabeleceram, deixando no interior os seus agentes de permuta. Até há pouco tinham nas mãos uma grande parte do comércio. Felizmente, o indígena já educado, e o europeu mais inteligente e mais culto, compreendeu a tempo e tem deixado de comerciar com eles, observando a desvantagem que havia nisso, pois o tesouro da colónia empobrecia não só com a drenagem de ouro com a venda de artigos da Índia, como ainda os lucros desses artigos vendidos aqui, desapareciam, para longe do sólo Moçambicano.

Explicado em breves palavras a proveniência e a qualidade da grande maioria dos «monhês», vamos, então, ao seu bairro e ao seu viver:

A «Rua da Gavea» é uma vila estreita dos bairros imundos e esquecidos de Lisboa transportada a Lourenço Marques.

Encrava-se num quarteirão miserável, semi-derruído, a expelir miasmas, que começa na Rua Francisco Ferrer e acaba na Travessa da Laranjeira.

Foi por esta rua estreita, quasi sem sol, que nós há poucos dias, desviámos a nossa atenção impertinente. E cheios de curiosidade, certa tarde, quando pelo ar erra a quietude das coisas imobilizadas, de recolhimento e de sésta, àquela hora em que a cidade emerge na calma enervante do meio dia e meia hora, sob um sol agressivo, fômo-nos, até à «Monhélandia», a fim de observar de perto aquele labirinto de portais carcomidos, portas gretadas e cambaias, a condizerem com as paredes esburacadas, donde sobressai o tijolo desfeito de velhice, misturado com a calça gasta pelo tempo.

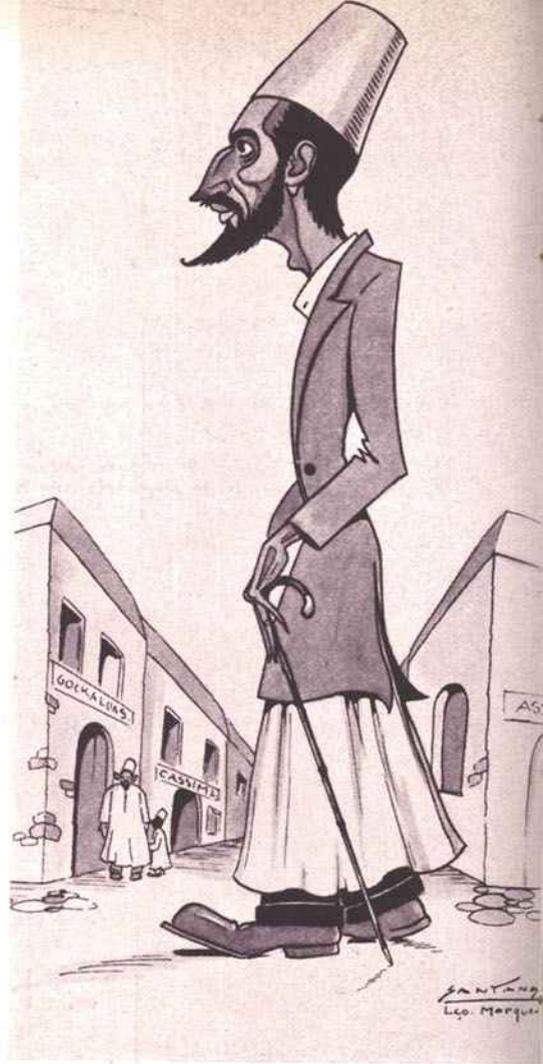
Aquelas barracas vergadas, davam a impressão dum decrepito ao dobrar os setenta, inclinando para o solo a fronte enrugada. Caixotes ruídos pelos ratos ou apodrecidos pela humidade, exalavam, pelos portais desconjuntados, um cheiro aspérrimo a imundície. Havia pela atmosfera, vinda dos pátios sem luz, com ar abafado e sufocante: nas valetas e pelas ruas, umas poças de água — porque chovera na véspera — entre pedras poídas e desiguais, estavam destinadas a viveiros de mosquitos, enquanto a terra, de todo, as não absorvesse.

Relanceámos a vista, e, dando umas passadas, adiante um pouco, topámos um mahometano que se entretinha, acorçado numa cadeira, em posição de faquir, cofeando as barbas com as mãos que, momentos antes, brincaram, inocentemente, com os pés descalços e sujos... Mais além, do lado oposto, quatro «magaiças» — pretos que voltam do Rand, quasi sempre, inválidos pela tuberculose das minas — conversavam em franca camaradagem com um esquelético comerciante de cofiõ encarnado, mais tipo de fariseu do que outra coisa melhor. Este diabo tinha o nariz aguçado e recurvo como o duma ave de rapina. Uns olhos pequeninos, muito vivos, cheios de malícia, observavam, em atitude submissa e cobarde, os fregueses a quem convidava a entrar, dando-lhe, nas costas, palmadinhas nevróticas e velhacas. Um outro, barrigudo, cheirando a gorduras mal lavadas, destes comerciantes que só vendem a contado, numa ladainha extravagante e com voz que se assemelhava a uma flauta desafinada, articulou alguns sons que não percebemos, e, aos quais, os quatro «momparras», responderam com um forte «iã». Lá ficaram fazendo o negócio, enquanto nós, avançando um pouco mais, encontrámos, gesticulando, um europeu desgraçado — uma espécie de Pinheiro maluco — que, discutindo, acaloradamente, alguém, apontava com o seu velho e nodoso cajado um janota «monhé», com a fralda fóra das calças, dizendo:

— Estes porcos é que são os culpados!...

Sorrimos, piedosamente, e continuámos, dando razão ao pobre louco. Às vezes os doidos dizem coisas acertadas!

Ao cruzar a Travessa da Porta da Linha, olhá-



mos à direita e observámos a espreitar, a cabeça calva dum china escaveirado. Este desalmado parecia sofrer de doença grave e incurável. Olhou todos os lados, meio desconfiado, e, bruscamente, retirou-se para dentro. Algum negócio ilícito aquele filho do Celeste Império tentava fazer, às escondidas, com receio das autoridades!...

Ali é uma taberna para pretos, onde, naturalmente, entre a imundície e o cheiro a vinho e a «katinga», o pobre indígena, ingénua, é embriagado, pagando bem caro o luxo duma hora de belbedeira forte!

Felizmente, os portugueses, não usam destes processos ao negociar com o indígena!

Um miar dolente, alfitivo, dum felino transparente de fome, desviou a nossa atenção para um telhado desconjuntado, cujas asnas, apodrecidas, ofereciam pouca segurança.

Mercadoria vistosa e exposta pelas montras davam, naquele paupérrimo aspecto da cidade, uma nota bizarra de contra-senso e de mau gosto. Mas em compensação, lá dentro, pelos cofres, limpas de poeira — arrancadas ao indígena ignorante e ao europeu idiota — contadas todos os dias, deviam adormecer as libras que, em momento oportuno, e passados aos direitos — porque o ouro é contrabando — vão até à Índia tomar melhores ares...

E é desta maneira que vive a imunda Rua da Gavea, com os seus habitantes de cofiõ encarnado, homens sem ideias, sem personalidade mental, sem vontade firme, talvez da qualidade daqueles que, há pouco, na Índia, insultaram a grande figura de Gandhi, atirando-lhe às faces ovos pódres, numa ocasião em que o paladino das liberdades individuais, fazia um discurso ao povo subordinado à tutela estrangeira!

Gandhi não merecia defender os direitos de melhor gente, e nós não merecíamos, também, de outros colaboradores, embora estrangeiros!?

Bem faz Angola que não consente lá nem a sombra dum cofiõ encarnado ou duma fralda de fóra!...

Rodríguez Júnior.

O Entrudo

no

Casino do Estoril

O "record" do Carnaval elegante é, ha anos, mantido pelo Casino do Estoril. Durante os dias de Entrudo realizaram-se ali animadissimos bailes e festas infantis. O ruido proprio do quadro carnavalesca e a alegria esfusiante, nunca prejudicam o cunho de elegância que o carnaval no Casino mantem, ha anos, com notavel superioridade. Os hoteis do Estoril estiveram á cunha e nas pensões não havia um quarto para alugar. No sabado gordo efectuou-se "A noite oriental". Foi uma festa ultra-moderna e verdadeiramente deslumbrante.

O consagrado artista Augusto Pina decorou a lindissima sala do Casino como só ele sabe fazer. Foi mais um triunfo na sua larga carreira. Publicamos três fotografias das animadas festas infantis e do baile de terça-feira gorda.



Grupo de crianças premiadas na «matinée» infantil, que se efectuou, na terça-feira de Carnaval, no Casino do Estoril. Em baixo, vê-se a pequenada mascarada esperando a distribuição dos prémios, que foram numerosos



Estêve concorridissimo—como se vê na gravura que abaixo se publica—o baile de terça-feira gorda no Casino do Estoril. Devido às formosíssimas decorações e deslumbrantes iluminações, o baile teve qualquer coisa de feérico. Não havia uma mesa vaga, tocando sem cessar duas orquestras



UMA AVENTURA EM BERLIM

O encontro entre duas almas latinas perdidas na super-civilização germânica

Tonos os países têm dentro do seu «folk-lore», na esfera da sua civilização, cantares policromos que gritam ao mundo inteiro o que valem, o que representam como nações coloridas pelo amalgame das suas tradições que cultivam e respeitam com acrisolado fervor.

Entre nós, por exemplo, onde o «folk-lore» popular tende a desaparecer pouco a pouco devorado pela sede insaciável da civilização que não pára, há que conservar bem arreigada ao povo a riqueza dum passado que não deve morrer, porque é nosso, porque constitui uma página da história.

E se há recantos do mundo que mereçam manter bem viva a chama ancestral, o nosso, velho pioneiro duma civilização milenária que persiste em resistir à voragem dos séculos, é um deles.

Vagamundo do jornalismo tenho percorrido em busca de grandes emoções alguns dos Estados da Europa onde sabia de ante-mão que ia encontrar a barreira duma civilização diferente. E dos oito países do velho mundo que conheço, um só pertence à raça latina. Os outros vivem enfeudados nas velhas civilizações eslavas e anglo-saxónicas, a muitos quilómetros das agulhas dos Pirinéus.

E porque sou latino e conheço como os meus leitores o heroísmo do povo que tem sangue ardente, é que preferi sempre encadilhar-me no «brouhaha» das cidades nórdicas, certo de que ali os meus olhos, lampadas de Aladino, sentiriam todo o encanto do loiro fulvo das mulheres que vivem 20 gráus abaixo de zero.

De cada um dos países que visitei conservei dentro de mim, como jóia rara em estojos de mais puro cristal, uma recordação e uma saúde... Que vivem e viverão eternamente dentro de meu peito, como chama dum fanal... Que daqui a decénios hão-de fazer aflorar-me aos lábios um sorriso de tristeza e aos olhos uma lágrima que rolará tortuosamente pela minha

face encarquilhada, quando a neve dos caminhos — como diria o poeta — embranquecer os meus cabelos... E sentirei o meu coração cansado de tanto bater e de tanto amar, pedir em queixume, a quietude eterna à sombra do cipreste do cemitério da minha terra natal, junto, bem próximo dos entes que me são queridos.

De Bruxelas, de Hamburgo, de Praga, de Wilna, de Haia, de Riga, etc., eu guardo num escrínio de alto preço, uma aventura que um dia transporá os umbrais da caixinha dos meus segredos e virá chocar aos ouvidos púdicos dos que nunca se tentaram diante das linhas arrebatadoras dum corpo de mulher.

Uma noite, em Berlim, saturado de ser joque da super-civilização germânica, arremescei-me, quasi inconsciente, quasi exausto, para o recanto acolhedor dum «dancing» moderno. Talvez o «Berliner», o «cabaret» das cinco galerias, em cada uma das quais uma multidão de rapazes e raparigas, a mocidade despreocupada, se deixa arrastar nos braços sensuais da deusa Caliope... Talvez o «Delfi», um templo egípcio no coração de Charlottenburgo, ou o «Fémina» o maior «dancing» de toda a Europa com os seus 1.500 telefones... Talvez no «Chéri» o ninho de amor dos que se apetececem...

O que é certo, é que naquela noite eu havia quasi renegado Deus, Pátria e Família, a trindade onnipotente que se sobreleva a todas as outras e sentia-me arrastado para o cáos da locura, quando, até junto de mim, chegou dolentemente, romanticamente, como num sonho, o canticó nostálgico dos Pampas. O cáldo ardentíssimo da alma gaúcha, o sensualismo enebriante da mulher argentina. E a voz de oiro continuou fazendo vibrar as cordas da tira que enchia de maviosidade o recinto onde meu corpo dormia e os meus sentidos vibravam.

Eu hoje tenho a certeza de que era para mim que aquela mulher cantava. Latina como eu, perdida como eu no mar encapelado dos anglo-



Suzy — a tanguista argentina

-saxões que a escutavam sem a compreender, ela devia ter flitado os seus olhos negros como carvão e brilhantes como carbúnculo no sonambulo que dormia a seus pés, que sonhava com a Pátria distante e que se sentia naufrago numa cidade dinamizada pela hiperfobia do latino.

E foi só quando as notas suaves dum tango argentino encheram de melodias a atmosfera viciada pelo odor opiado dos cigarros que se queimavam, que despertei e agradei ao Destino

ter encaminhado meus passos até ali, onde havia de encontrar uma alma irmã da minha, o conforto espiritual duma amizade latina.

Durante oito dias acompanhei de longe o sucesso dessa encantadora artista argentina, cujo nome, um só — Suzy — enchia o cartaz dum dos maiores palácios de diversões de Berlim. Apesar de cantar em castelhano, e estar bem longe de tipo loiro e branco das mulheres do norte, cujos olhos são pedras de primeiras águas e os cabelos fios de oiro que apetece arrancar, Suzy fez vibrar intensamente os últimos abencerages do sentimentalismo prussiano e foi a rainha eleita dos corações de todos os latinos que viviam em Berlim no mês de julho de 1932.

Armando de Aguiar.



Charlottenburgo — um dos bairros de Berlim onde o estrangeiro se diverte

ENTRAMOS na fase definitiva da preparação do grupo nacional para os

Portugal Espanha

encontros de football entre Portugal e a Espanha, marcado para 11 e 18 do corrente mês, respectivamente em Madrid e Lisboa. Após alguns meses de trabalho consciencioso, durante os quais percorreu, domingo a domingo, todos os campos do país à busca de possíveis elementos aproveitáveis, o seleccionador Ribeiro dos Reis fixou a sua escolha e concluiu o aperfeiçoamento da complicada engrenagem confiada à engenhosa pericia da sua inegalada competencia tecnica.

O criterio geral adoptado foi, sem dúvida, aquele que as circunstancias aconselhavam; o valor do football português acusa um declinio sintomático, possivel resultante de uma epoca de transição, provavel consequência de uma crise de individualidades. As grandes figuras consagradas no popular desporto começam agora denotando o efeito dos anos, e os novos que despontam não lhes igualam por enquanto a classe de outrora.

Em tais condições, preferiu Ribeiro dos Reis constituir uma equipa na qual a experiencia de uns completam a mocidade e o entusiasmo dos outros, firmando-a no esqueleto solido de um grupo habituado ao jogo em comum. Pode afirmar-se que o onze nacional têm por base o Football Club do Porto, enxertando-lhe nos pontos fracos os valores mais destacados, dispersos pelos outros clubes nacionais. Esta orientação foi aceite pela critica sem reparos, e a apinião publica sancionou-a com a sua confiança. A ninguem é licito prevêr o rendimento do novo grupo representativo; se a responsabilidade, o ambiente e o terreno não cercearem a vontade e os recursos dos novos internacionais, podemos esperar uma agradável surpresa e, em quaisquer emergencias um resultado honroso, porque nem só a vitoria dignifica.

Alinharão em Madrid quatro jogadores com larga folha de serviços internacionais, um repescado e seis estreantes. O Football Club do Porto fornece seis elementos: o guarda-redes Soares dos Reis, o defesa Avelino Martins, o medio João Nova, e três avançados, Waldemar Mota, Acácio Mesquita, Artur de Sousa; o Sporting cede o outro defesa, Serrano, e o extremo direito Mourão; Belenenses concorre com o glorioso medio centro olimpico, Augusto Silva; o Carcavelinhos com o

terceiro medio Gaspar Pinto e o Benfica com o extremo esquerdo do ataque, Domin-

gos Lopes. Esperemos, serenamente, o resultado das duas jornadas, depositando inteira confiança nos rapazes escolhidos por Ribeiro dos Reis. A tarefa é melindrosa, como o próprio seleccionador afirmou numa entrevista concedida a um jornal espanhol; os encontros apresentam-se particularmente dificeis porque os nossos adversários devem ter especial empenho em ganhar, visto que o campeonato do mundo lhes oferece a ocasião de restaurar o prestígio do seu football, seriamente prejudicado no conceito internacional em virtude dos fracos resultados da epoca passada.

O ambiente que vai rodear as eliminatórias e o facto de na classificação final não intervir o "goal-average", têm, para nós, vantagens evidentes, pela simples razão de sermos aqueles que menos têm a perder.

Os espanhóis vão na absoluta necessidade de ganhar, e essa responsabilidade pode desorientá-los, anulando a sua indiscutivel superioridade técnica, sobretudo se a luta não começa com características favoráveis para eles, visto a maioria dos jogadores espanhóis estar crente no triunfo sem grande esforço.

Esta confiança na vitória tanto pode dar-lhes um esplendido moral, capaz de se converter num resultado copioso, como pode prestar-se a surpresas.

A missão dos espanhóis em Madrid deve considerar-se muito facilitada pela falta de adaptação dos nossos jogadores aos terrenos de herva, que tem sido e continuará sendo sempre o pesado "handicap" dos nossos deslocamentos ao estrangeiro.

Mas em Lisboa, nunca eles venceram com facilidade, e a equipa portuguesa, animada pelo seu público e nas condições que lhe são familiares, sobe consideravelmente de valor.

A crise que o football nacional atravessa neste momento, não permite, em quaisquer circunstancias, que se alimentem grandes esperanças de êxito; mas a proeza de bater os espanhóis em nossa casa, coisa até esta data irrealizável, não deve ser considerada com fóros de impossivel... e, desta vez, trata-se do Campeonato mundial.

Salazar Carreira.



O GRUPO NACIONAL QUE SE ENCONTRARÁ, EM MADRID, COM A SELECÇÃO ESPANHOLA: guarda-redes — Soares dos Reis; defesas — Avelino Martins e Serrano, médios — Nova, Augusto Silva e Gaspar Pinto; avançados — Mourão, Waldemar, Acácio Mesquita, Artur de Sousa (Pingo) e Domingos Lopes

A morte do Rei Alberto veio avivar na minha memória coisas que eu queria esquecer, veio acender-me no olhar visões pavorosas a que a minha vida andou presa durante os quatro anos de ferro e fogo que assolaram a Belgica, e cujos estilhaços e faíscas feriram, mais ou menos, o mundo inteiro.

Esse quadro de horror que eu procurava relegar para o fundo das recordações, pondo-lhe em cima a pesada penedia da saudade pelos meus filhos mortos e pelos meus soldados, filhos da minha alma, levanta-se na minha frente, ameaçador, como na primeira hora em que os canhões germanos esburacavam o forte de Liège onde o general Lehman, com um punhado de bravos, opunha uma resistência heroica á invasão injusta e traidora, que desprezava pactos e tratados com uma sem cerimonia que tantas vidas havia de entregar á terra.

As imagens surgem e desenhavam-se com todas as côres da concepção primitiva.

Nas ruas bandos de soldados rumorejantes e cheios de brio e de ancia de desforra, por tal violação, alinhavam as almas e os corpos para marcharem contra o exercito invasor, enquanto que o povo, mulheres e homens, distribuem pelos defensores do direito cigarros e canecas de cerveja.

E todos, os que iam combater de espingarda na mão e aqueles que ficavam secundando em preces e amor o esforço herculeo, todos aclamavam o seu rei, êsse rei que foi homem acima de tudo, homem valente e leal que tanto a peito tomava os deveres do seu cargo.

A historia está cheia de reis que "reinavam", na expressão pitoresca da nossa gente, que só queriam da sua situação os prazeres e os risos, mas que nunca foram os dirigentes dos seus reinos.

Mas este soberano, que a morte tão estupidamente roubou ao seu povo e á sua familia, entendia do seu mister como os raros que a tuba da fama ainda apregôa, e pôde colocar-se á frente de todas essas excepções gloriosas.

Enquanto pela brecha da fortaleza o inimigo se esgueirava para dentro da Belgica — a virgem sacrificada ao seu erotismo guerreiro e á sua cubiça ambiciosa — o rei Alberto animava os seus marchais para que insuflassem no animo das tropas a certeza da victoria.

E foi essa sugestão de uma força maravilhosa que susteve sempre em forma, sempre atento, sempre corajoso e esperançado o exercito belga, mesmo recuando até essa nescasinha do Yser deante da marcha dos violadores.

De Liège a Namur, os belgas sem abandonar a sua fé defendiam encarniçadamente

CAPRICHOS DO DESTINO

cada palmo de terra que tinham de ceder, pela força do numero, á bota prussiana.

E sósinhos, sem aliados que não estavam prontos, e que só mais tarde vieram, parecia que uma mão invisível guiava os belgas na defesa do direito que lhes assistia, e essa mão era a do seu rei que lhes apontava o leiteiro, só para êles, os iniciados, visível, onde em letras de ouro se lia "Salvé, Belgica victoriosa!"

Ao clarão dos incendios que destruíam

e gritava: — "Isto aqui ainda é a Belgica, ainda é nosso, e aqui não entram vocês!"

E não entraram. Desmoralizada por tantas vidas perdidas, por tanto esforço inútil, e deslumbrada por tanto valor e tanto heroísmo, a Alemanha — ferida no coração como certos frutos de bela aparência que um verme consome interiormente, — cedeu á voz da verdade inconfundível do direito e da justiça.

Agora o quadro toma outras tintas mais alegres e mais vivas.

É o armistício. Nessa manhã de Novembro, o sol querendo associar-se ao entusiasmo dos mortais lança os seus raios

doirado se enche de poalha luminosa o quadro famoso.

Por debaixo das minhas janelas, no Boulevard d'Avroy, em Liège, desfila o exercito belga, o que ficou da enorme refrega, numa marcha apoteótica. Á frente, garboso e másculo, no rosto sulcos da angustia daqueles quatro anos de inquietação e de tensão nervosa, vai o rei Alberto — o rei soldado.

Eu, de luto por uma criança que a miséria me roubara e com a outra ao lado já marcada pela morte, atirei-lhe um ramo de flores atado com as côres da bandeira portuguesa.

Ele apanhou-o no ar, e agradeceu com um sorriso que nunca esquecerei, como nunca esqueci a sua carta onde me agradeceu mais tarde o meu livro *Vagabunda*, pela justiça que fiz á Belgica.

Foi um espectáculo grandioso, como não espero ver mais nenhum, essa entrada triunfal das tropas belgas em Liège, vindas das lamas do Yser, com todos os aliados, desde os galantes e valentes franceses até aos originaes fardamentos dos escoceses, alcunhados nas trincheiras de "demoiselles".

E foi êste homem, êste rei denodado e corajoso, que as bombas e a metralha dos obuzes pouparam no mais aceso da batalha, quando no "front", animava com a sua presença e os seus alvitres e conselhos as tropas defensoras, que o destino matou agora inglória-

mente e brutalmente, no pincaro de um rochedo.

E, como para amenisar o seu gesto crudelissimo, êsse destino, senhor de nós todos, escolheu, para tirar-lhe a vida, o lugar onde lhe havia dado a felicidade de encontrar a dôce companhia do seu lar, essa santa e piedosa Rainha Isabel, em cujas veias corre sangue nosso, sangue lusitano.

Realmente os caprichos do destino são surpreendentes e fatais, como êle próprio.

Mercedes Blasco.



O GENERAL LEHMAN
O heroico defensor da cidade de Liège

obras de arte e deitavam abaixo ruas e praças, deixando em seu lugar a miséria e a desolação, êsse dístico sagrado brilhava sempre com mais esplendor.

Por entre o estrugir das granadas e o ribombar dos canhões que os campos verdejantes e fecundos iam tornando em desertos ressequidos, o exercito fantasma, que amedrontava pela sua resistência, ouvia sempre a voz do seu soberano que lhe gritava: "Corações ao alto, havemos de vencer!"

E nêsse cantinho de Ypres, enterrados na lama, aquele punhado de herois não cedia

Poeta Silva Tavares



O poeta Silva Tavares dispensa já os adjetivos e os eufemismos. O seu nome, na capa dum livro, é garantia suficiente dum êxito. Ainda há meses nos havia dado esse mimo que é o volume «Bailia d'amor» e já hoje temos de registar o aparecimento doutro punhado de admiráveis versos subordinados ao sugestivo título de «Gente humilde». Desse novo livro falta bem alto a poesia «Carta do Brasil» que noutra local transcrevemos.

Dr. Alberto Klein



ENTRE os estrangeiros, amigos dos portugueses, figura o sr. dr. Alberto Klein, ex-assistente da Universidade de Padova (Itália), médico especial do sultão de Marrocos, Muley Abd-el-Aziz, que em Tanger tem prestado os mais revelantes serviços aos nossos compatriotas ali residentes.

Maria Emília Azambuja



FALCEU há dias a gentil actriz Maria Emília Azambuja, irmã da actriz Celeste Leitão e esposa do actor José Azambuja, que foi premiada no curso do Conservatório e que era um elemento artístico de valor. Fez parte de várias companhias entre elas das de Maria Matos e Sateana-Amarante. O seu funeral foi bem uma sentida manifestação de saudade pela desditosa artista que morreu em plena mocidade.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

A morte do rei Alberto da Bélgica



COM destino a Bruxelas, onde foram assistir aos funerais do rei Alberto, partiram no dia 21 do mês passado, os srs. ministros dos negócios estrangeiros, dr. Caeiro da Mata e das colónias, dr. Armindo Monteiro. Fizeram-se acompanhar, respectivamente, dos srs. drs. Eduardo Machado, secretário particular e Dantas de Oliveira, 1.º secretário da legação e do sr. tenente Ferreira Martins, oficial às ordens. Na «gare» do Rossio, a fim de se despedirem dos representantes do governo, naquela cerimónia, compareceram, além dos outros membros do ministério, os srs. ministros da Bélgica e da França em Lisboa. O sr. Manuel Puebla — nosso consul em Valência de Alcântara — acompanhou os srs. drs. Caeiro da Mata e Armindo Monteiro até àquela localidade. Durante a ausência dos titulares das pastas dos estrangeiros e das colónias foram estas confiadas, respectivamente, aos srs. ministros da marinha e da justiça.

Uma missão colombiana em Lisboa



AFIM de saudar o governo português encontra-se entre nós uma missão diplomática colombiana. Esta visita relaciona-se com a recente c-dência dos contra-torpedeiros «Tejo» e «Douro» a uma casa inglesa com destino á Colombia. A missão é chefiada pelo ministro plenipotenciário colombiano sr. Saturnino Restrepo e dela fazem parte os srs. Aya Schweder, secretário da legação e Alexandre Lopes, consul geral da Colombia em Londres. Todos se fazem acompanhar de suas esposas, sendo a do sr. dr. Aya Schweder filha do actual presidente da República da Colombia. O sr. general Carmona havia recebido pelo telegrapho, a credencial que acredita o sr. dr. Saturnino Restrepo, como enviado especial do governo colombiano. Devido a esta visita vão ser encetadas relações diplomáticas entre Portugal e a Colombia e devem ser lançadas as bases para um tratado de comércio entre os dois países. O ministro colombiano recebeu os jornalistas com quem manteve uma lar-a conversa sobre Portugal, seus escritores, artistas e descobridores. Mostrou conhecer a história portuguesa e revelou profundos conhecimentos acerca das nossas coisas do passado e do presente.

Trigueiros do Martel



O engenheiro-agrónomo João Filipe Trigueiros de Martel, publicou recentemente um notável estudo sobre a magna questão do pão em Portugal. Vem trazer luz a tão grave problema, que de há muito vem sendo estudado. A no-sa cultura de trigo m-receve de Trigueiros Martel um trabalho consciencioso e cuidado.

Artur Augusto



OS amores de D. Inês e D. Pedro mais uma vez dão motivo a uma obra. Artur Augusto — novel escritor e que revela méritos abordou a lenda e publicou uma interessante novela. É um volume, apresentado com esmero, e que se lê dum trago. «Balada outonal» é o sub-título do livro que se chama «Romance de Inês de Castro».

Correia da Cunha



A vida de Coimbra, a vida acidentada dos estudantes, raramente é descrita pelos próprios estudantes. Só quando deixam a cidade-universitária a vem relatar, talvez para m-tar saudades... Não está neste caso Correia da Cunha, que mesmo estudante, nos dá em livro, uma série de interessantes reportagens da vida académica coimbrã, com o título de «A malta».

O "cross,, ciclo-pedestre e os campeonatos de "football", "rugby", "basket", "hockey" e "handball"



O Sport Lisboa e Benfica e "Os Sports," organizaram, na passada quinzena, duas interessantes provas de *cross* ciclo-pedestre, modalidade ignorada entre nós, mas que foi acolhida com interesse.

Que nos recorde, apenas uma prova similar fôra anteriormente organizada, em 1929, nos terrenos que cercam o campo do *golf* do Estoril, num percurso bastante difícil e acidentado. Foi seu vencedor Eduardo Santos e entrou em terceiro lugar na meta o mesmo homem que agora, cinco anos volvidos, se classificou segundo: Anibal Firmino da Silva.

O traçado destas provas, relativamente fácil como convinha a primeiras experiências, bastou, no entanto, para separar os concorrentes, entre os quais se notou a ausência total de figuras marcantes. Estes nada teriam a perder com a sua comparação, pois os *cross* ciclo-pedestres, sobretudo de curta distância e pouco severo percurso, constituem um excelente meio de preparação durante os meses de inverno.

Felicitemos os organizadores pela sua iniciativa e confiamos na sua persistência para desenvolver em Portugal mais uma interessante modalidade desportiva.

A época de jogos de inverno está, finalmente em plena atividade, prosseguindo todos os campeonatos seu curso normal. Football, rugby, basket, hockey e handball, com mais ou menos animação nos vão proporcionando todos os domingos algumas exhibições para contentar os amadores, sobretudo se estes forem fáceis de contentar.



EM CIMA: Dois aspectos do percurso
EM BAIXO: Os três primeiros corredores classificados — Filipe de Melo, Firmino da Silva e Dias Maia

O campeonato lisboeta de football, mais uma vez interrompido por causa dos jogos com a Espanha, está reduzido a nove competidores porque um deles se decidiu a pôr escritos e mudar de residência; tem este gesto, talvez, o significado de uma indicação, pois consta à boca pequena que estão os clubes no propósito de limitar a seis o número de participantes na competição de honra.

Até agora, prejudicado o Benfica pela sua não comparencia aos jogos contra os barreirenses, Belenenses, Barreirense e Sporting parecem os melhores apetre-

chados para o triunfo sendo, no entanto, cedo ainda para um prognóstico consistente.

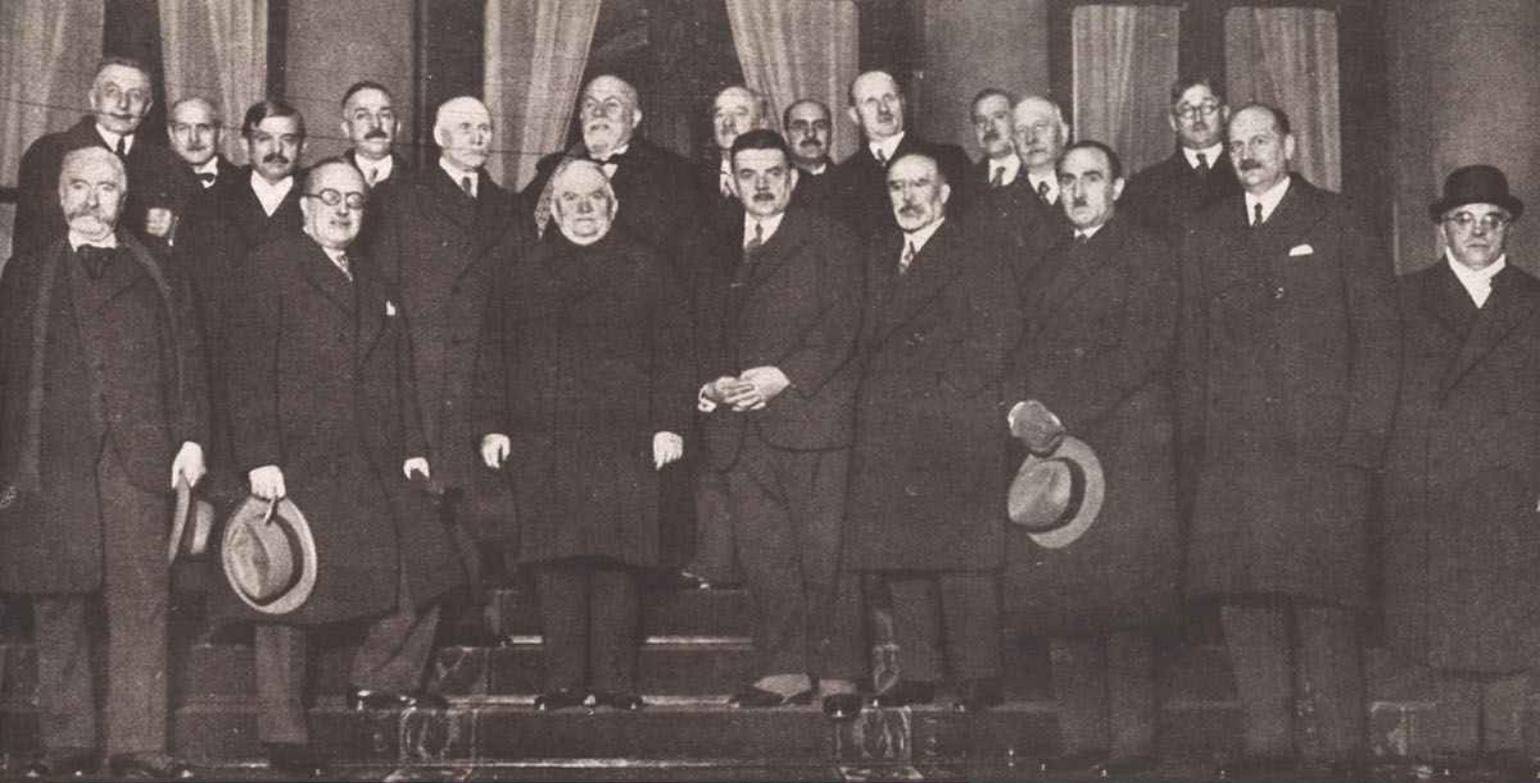
Em rugby, surpresa sensacional: o Sporting, que no princípio da época esteve quasi a ponto de não organizar equipas, bateu o Ginásio, campeão em exercício e senhor de toda a confiança dos prognosticadores.

Finalmente, coisas do jogo, os leões impuzeram-lhe a sua vontade e maior rapidez, aproveitando uma exhibição frouxa, confusa, dos adversários, a provar o declínio da especialidade, vítima da errada concepção dos seus orientadores e do falso critério dos seus praticantes.

O União, o Carnide e o Barreirense parecem os grupos que melhores probabilidades de vitória possuem, no torneio de basket, ocupando nas duas séries os lugares mais favorecidos.

Tentou-se, servindo de medianeiro o Comité Olímpico resolver o conflito que separa o basket nacional em duas facções. A intransigência da Federação portuense, baseada ao que parece na ambição de alguns dos seus dirigentes, levou á falencia mais este esforço para pôr termo a uma situação nociva e estranha. Pesada responsabilidade, para aqueles que a prolongam, sobrepondo aos interesses do desporto e do país a defesa das situações pessoais com que satisfazem a sua vaidade intolerável.

Finalmente, o hockey em campo iniciou um torneio que passa despercebido, e do qual se aliearam alguns dos clubs praticantes; atrazado na sua marcha, lutando com a falta de campos, o torneio disputar-se-á numa única volta, o que é uma aberração desportiva.



GASTON Doumergue, chamado pelo presidente

Lebrun, que apelou para o seu patriotismo, deixou o seu recolhimento em Tournefeuille, e passadas vinte e quatro horas da sua chegada a Paris, conseguia organizar o ministério de salvação nacional. Nêle estão os melhores nomes da actual política francesa. Eis os nomes dos homens a quem está entregue o destino da França:

Estrangeiros — Barthou (União Democrática e Radical). *Justiça* — Chéron (Sem filiação). *Interior* — Sarraut (Esquerda Democrática). *Guerra* — Marechal Petain. *Marinha* — Pietri (Republicano da Esquerda). *Aeronáutica* — General Denain. *Finanças* — Germain-Martin (Esquerda Radical). *Comércio* — Lamaroux (Radical-socialista). *Educação Nacional* — Berthod (Radical-socialista). *Agricultura* — Queuille (Radical-socialista). *Colônias* — Laval (Sem filiação). *Obras Públicas* — Flan-din (Republicano da Esquerda). *Higiene e Educação Física* — Marin (União Republicana Democrática). *Pensões* — Rivollet (Secretário Fed. Antigos Combatentes). *Trabalho* — Marquet (Neo-socialista). *Marinha Mercante* — Willian Bertrand (Radical-socialista). *P. T. T.* — Mallarmé (Esquerda-radical).

Ministros sem pasta: Doumergue — Chefe do Governo Herriot — Chefe do grupo radical-socialista. Tardréu — Centro Republicano.

A característica mais notável da forma-

Foi constituído em França um "governo de salvação nacional," com Doumergue na presidência

ção ministerial criada por Doumergue é a existência de três ministros sem pasta e a ausência de sub-secretários de Estado. Seis dos ministros que o compõem foram já presidentes do conselho. Dois outros, Petain e Barthou são membros da Academia Francesa. Três foram escolhidos fora do Parlamento, Petain, Denain e Rivollet.

Apesar do novo governo corresponder à vontade da maioria da população francesa, os tumultos repetiram-se ainda no dia 9. Os comunistas pretenderam assal-

tar diversos edifícios, o que a força pública logrou dominar. Importa acentuar que estas manifestações nada tinham já de comum com as anteriores, visto que não exprimiam o legítimo protesto do povo de Paris e eram apenas utilizadas pelos extremistas para lançar a confusão.

No dia 12, as organizações operárias votaram ainda uma greve geral, por 24 horas, que pode ser considerada como uma resposta às manifestações promovidas pelos elementos realistas da "Action Française". O movimento decorreu com relativa calma, sendo raros os incidentes dignos de registo.

Restabelecida a ordem, o governo Doumergue vai, pois, entrar na realização do seu programa patriótico. Confiamos que saberá guiar a democracia francesa no sentido dos seus altos destinos.

Antes de tomar posse, Doumergue mandou afixar por toda a cidade de Paris, a seguinte proclamação:

"Cidadãos! Fui chamado a constituir um governo de tréguas de acalmção e de justiça. Esse governo está constituído. Em seu nome, convido-vos a que cumprais, por vossa vez, o vosso dever, renunciando a toda e qualquer agitação e colocando acima de tudo o interesse da França e da República."



O general Petain — grande figura da grande guerra — no seu primeiro acto de novo ministro da guerra: passando revista à Guarda Republicana. A direita vêem-se alguns guardas feridos a quando das manifestações

Festa de homenagem

É na próxima segunda-feira, que se realiza no teatro Politeama, a récita de homenagem aos crónistas mundanos e nossos colegas na imprensa Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, dois rapazes trabalhadores incansáveis, que gozam das gerais simpatias do meio em que vivem, a nossa sociedade elegante. Subirá à cena a peça «Ladrão de alcova», que acaba de ser estreada, com muito êxito, na qual a ilustre artista D. Lucília Simões, tem mais uma corôa de glória, tendo a coadjuvã-la, além dos brilhantes artistas Estevão Amarante e Erico Braga, a gentil artista Maria Sampaio, que reapareceu ao público da capital. Nessa noite, será decerto o Politeama, o ponto de reunião obrigatório de tudo o que de melhor conta a nossa aristocracia, podendo desde já afirmar que será uma verdadeira parada de mundanismo. Os poucos bilhetes que restam, estão à venda na bilheteira do teatro.

Festas de caridade

CHÁ MAH-JONG

Realiza-se esta tarde no salão de mesa do Aviz Hotel, um «chá Mah-Jong» de caridade, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, de que fazem parte as seguintes: D. Alix Maury de Melo, D. Clarisse de Freitas Lomelino de Sousa Guimarães, D. Helena Mauperrin Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Isabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Maria do Carmo da Cunha Correia de Sampaio, D. Maria Isabel d'Orey Correia de Sampaio, D. Maria da Luz da Câmara d'Orey, e viscondessa de Atouguia, revertendo o produto a favor da Casa de Protecção e Amparo de Santo António, para o qual estão marcadas grande número de mesas, para «mah-jong», «bridge» e «bluff».

Casamentos

Com muita intimidade, realizou-se na paróquia de Santo António, no Estoril, o casamento da sr.^a D. Maria da Conceição Vaz de Melo Bernardes, gentil filha da sr.^a D. Maria da Conceição Vaz de Melo Bernardes, gentil filha da sr.^a D. Clélia Vaz de Melo Bernardes e do sr. dr. Artur da Silva Bernardes, antigo presidente da República Brasileira, com o sr. José Domingos Machado, filho da sr.^a D. Maria da Graça Machado e do sr. José Domingos Machado, já falecido.

Foram madrinhas as mãs dos noivos e padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Agostinho Fontes Pereira de Melo.

Celebrou o acto religioso, o vigário geral do Patriarcado, conego dr. Manuel de Anaquim, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido, na elegante residência dos pais da noiva, no Mont-Estoril, um finíssimo lanche.

— Em Setubal, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Helena Franco Barros, filha da sr.^a D. Maria de Sousa Franco de Oliveirã Barros,

VIDA ELEGANTE

já falecida, e do sr. Jaime de Oliveira Barros, com o sr. Cipriano Mendes Dordio, filho da sr.^a D. Isabel Carolina Mendes Dordio, e do sr. André Mendes Dordio, já falecido.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Antónia Franco Martins Leitão e D. Maria Isabel Mendes Dordio, e de padrinhos o pai da noiva e o distinto engenheiro sr. Armando Pereira de Ataíde de Medeiros.

O acto religioso, foi celebrado pelo reverendo prior de Santa Maria de Belem, amigo intimo da familia da noiva, monsenhor Gonçalo Nogueira, em capela armada na elegante residencia do pai da noiva, seguindo-se a missa resada

ria Antónia Vieira Monteiro e do sr. dr. Mário Augusto de Miranda Monteiro.

Fôram madrinha a mãe da noiva e padrinhos o pai da noiva e os tios do noivo srs. coronel Delfim de Miranda Monteiro e dr. Amadeu de Miranda Monteiro.

— Acaba de se ajustar oficialmente o casamento da sr.^a D. Maria de Lourdes Amaral Prata, filha da sr.^a D. Silvina Amaral Prata e do sr. António Gonçalves Prata, já falecidos, e enteada da sr.^a D. Amélia Augusta de Magalhães Carneiro Prata, com o sr. Manuel Emilio Lipari Garcia, filho da sr.^a D. Giuseppina Enrichetta Lipari Garcia e do sr. dr. Manuel Emilio Garcia, devendo a cerimónia realizar-se por todo o corrente ano.

— Realizou-se na paróquia dos Anjos, o casamento da sr.^a D. Maria José Almeida Andrade, filha da sr.^a D. Noemia dos Anjos Costa Almeida Andrade e do sr. António Maria de Sousa Andrade, já falecido, com o sr. Adino Homem de Figueiredo, filho da sr.^a D. Conceição Pissarra Figueiredo e do capitão sr. Martiniano Homem de Figueiredo, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Maria Guadalupe Castilho Quezada, e de padrinhos os srs. alferes Martiniano Homem de Figueiredo, e António Almeida Andrade, respectivamente irmão do noivo e da noiva.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Laurinda Almeida, filha da sr.^a D. Maria José Almeida e do sr. José Maria Almeida, com o sr. Argimiro Fernandez Vasques, filho da sr.^a D. Júlia Vasquez y Vasquez, e do sr. Manuel Fernandez Lorenzo. Foram madrinhas a sr.^a D. Júlia Vasquez e a mãe do noivo e de padrinhos o sr. Emilio Tavares e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um lanche, seguindo os noivos depois para Espanha, onde foram passar a lua de mel.

— Para seu afilhado o sr. Mário António Gonçalves Silva, filho da sr.^a D. Maria Vitória Corado Silva e do sr. João Gonçalves Silva, já falecido, foi pedida em casamento pelo sr. visconde de Olivã, a sr.^a Maria Antónia Boim Falcão, filha da sr.^a D. Adelina Boim Falcão e do capitão de engenharia sr. António Amélio Falcão.

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria Adelaide Daun e Lorena de Carvalho Nunes, esposa do tenente de cavalaria sr. Mario de Carvalho Nunes, oficial ás ordens do sr. general Carmona, illustre Chefe do Estado.

Mãe e filha estão de perfeita saúde. — A sr.^a D. May Summer Dias esposa do sr. dr. Francisco Fernandes Dias, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

— Teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Carmélia Magro Simões Cabrita, esposa do sr. dr. Otilio Simões Cabrita. Mãe e filha estão bem de saúde.

D. Nuno.



Casamento da sr.^a D. Maria da Conceição Vaz de Melo Bernardes, filha do sr. dr. Artur Bernardes, antigo presidente da República Brasileira, com o sr. José Domingos Machado, que se realizou no Estoril

pelo reverendo dr. Candido de Melo, amigo intimo do noivo.

— Realizou-se, em Cascais, o casamento da sr.^a D. Vida Zeegen, gentil filha da sr.^a D. Elizabeth Zeegen e do sr. Israel Zeegen, com o sr. Elmano Stelio Trigo de Cid Ornelas, filho da sr.^a D. Aurora de Sousa Trigo Soares e do sr. Artur Cid Ornelas, tendo servido de madrinhas as mãs dos noivos e de padrinhos o pai da noiva e o padrasto do noivo sr. José Soares.

Terminada a cerimonia os noivos partiram no «sud» para Coimbra, donde seguirão para Cabo Verde, nos primeiros dias do corrente mez, onde vão fixar residencia.

— Para seu filho o sr. engenheiro José Gago da Câmara, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Melânia Gago da Câmara Medeiros, esposa do sr. dr. Adolfo de Medeiros a sr.^a D. Maria da Piedade de Castelo Branco (Belas) filha do sr. marquês de Belas. A cerimónia realizar-se-há por todo o corrente ano.

— Na paróquia de Santa Maria, em Setubal, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Amélia Mendes de Almeida Cabral de Albuquerque Sacadura, filha da sr.^a D. Maria Amélia Mendes de Almeida Cabral Sacadura e do major sr. José Alves Cabral Sacadura, com o sr. dr. António Emilio de Miranda Monteiro, filho da sr.^a D. Ma-

A inauguração da nova estação do "Rádio Club Português"

COMEÇOU há quatro anos, modestamente, e hoje tem edifício próprio — cujas obras custaram, até hoje, seiscentos contos — contando com cerca de dois mil e quinhentos sócios. Basta dizer isto para se avaliar do esforço dos homens que dirigem o «Rádio Club Português». São eles: os srs. capitão Botelho Moniz, Raul Serrano, Lima Basto, José Rufino Peres, Pereira da Rosa, Eduardo Borja de Araujo e Gomes Bebiano.

A nova sede fica situada na Parede, no centro duma cêrca descoberta de 16.000 metros quadrados, necessária por causa da distância entre as torres metálicas da antena.

Na véspera da inauguração oficial realizou-se a visita dos representantes da imprensa.

A emissora fica sendo a mais potente da península, com exclusão da de Barcelona.

Tudo está pronto a funcionar. O estúdio das conferências é amplo, arejado e tem um certo



O novo edifício do «Rádio Club Português».

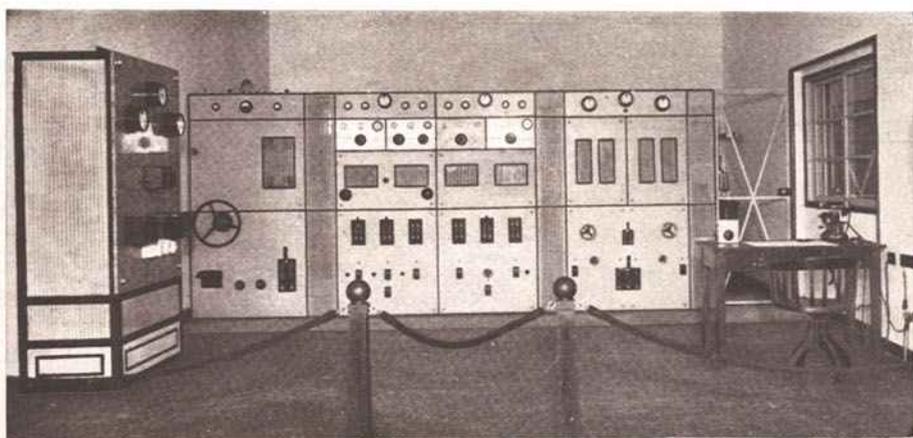
mação da corrente, que vem directamente da capital, sendo ali rectificada. Os quadros de distribuição de luz e de força motriz completam a aparelhagem.

O Chefe do Estado foi, no último domingo, recebido pelos membros directivos do «Rádio Club Português». Após uma visita ao edifício e ao campo de jogos anexo, presidiu a uma sessão solene, dando a direita aos srs. ministro do In-

terior, sub-secretário de estado das colónias e presidente da Câmara Municipal de Lisboa, e a esquerda aos srs. ministro da guerra e governador militar de Lisboa.

Subindo a um estrado e falando defronte dum microfone, o Chefe do Estado, em breves palavras, disse da sua satisfação por assistir àquela festividade e salientou a acção dedicada do sr. capitão Botelho Moniz em prol do «Rádio Club Português». Focou as dificuldades que houve necessidade de vencer para se realizar tão grande obra, conseguida ao cabo de muito esforço e tenacidade. Terminou, fazendo votos pelo cada vez maior engrandecimento da iniciativa, para bem da Pátria e da causa da radiotelefonía nacional.

Falaram depois os srs. capitão Botelho Moniz, dr. João Boto de Carvalho, presidente da assembleia geral, general Viriato da Fonseca, tenente António Cardoso e comandante Pires da Rocha.



conforto. Uma secretária, um «micro», um movel para discos com «pick-up». Tem ligação com o outro estúdio, maior — o dos concertos — onde por igual se encontra tudo o necessário à captação do som. Qualquer destas salas está forrada com camadas de pasta de papel, pasta de algodão, uma rede metálica e «reps», para se evitar as ressonâncias e a indução eléctrica. Praticamente, não ha ressonâncias nem indução.

Curiosa, pelo menos para os profanos, é a sala propriamente dita de emissão, com variada aparelhagem eléctrica, como seja o circuito da emissora, composto por cinco andares de alta frequência e dois andares moduladores, totalizando vinte e nove valvulas, a final das quais trabalha a 10.000 volts e tem uma potência de 15 quilowatts. Por estes números podem os entendidos avaliar da categoria da emissora.

Na cave ficam os aposentos do electricista, que faz serviço permanente, a oficina de reparações, montada a preceito, e o posto de transfor-

A aparelhagem eléctrica da nova estação emissora

O Chefe do Estado fazendo a ligação inicial, no interruptor geral de alta tensão, que faz trabalhar o respectivo comando, quando em funcionamento o posto emissor do «Rádio Club Português» →



DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; e Dicionário do Charadista, de A. M. Sousa.

RECTIFICAÇÃO

Na charada n.º 20 do n.º 4 desta secção o conceito é «guarda» e não guarda, como por lapso saiu.

APURAMENTOS

N.º 1

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

DR. SINAL	
N.º 16	17 votos

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

VIDALEGRE	
N.º 13	8 votos

OUTRAS VOTAÇÕES

N.º 14, Alferes, 1 voto.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 16 pontos:
Deka, Frá-Diávolu, Historiador, Cantante & C.^a, Micles de Tricles, Sacrista, Rei do Sebo, Ruína, Sopmac Oivacto, Detective Amador, Olho de Lince, Vidalegre, Doridóflis, Reinadio, Seta de Alva, Vata d'Uge, Deniz Lima, Africanista, Fontelísio

QUADRO DE MÉRITO

Azevedo e Bourbon, Verdegaio, Apolo V, 15. — Ktavento, Faro Leiro, 13. — Ziúlaiice, 12. — Miraluz, 10.

DECIFRAÇÕES

1 — Mata-tacão-matacão.
2 — Letra-trado-lettrado.
3 — Lapa-paro-láparo. 4 — Mana-nada-manada. 5 — Pacato. 6 — Lavrado. 7 — Ondear. 8 — Honroso. 9 — Cai da-cada. 10 — Lagarta-lata. 11 — Cacheira-cara. 12 — Cabala-cala. 13 — Preclara. 14 — Ardor. 15 — Amortecer. 16 — QUEM FOUPA SEU MOURO, FOUPA SEU OURO.

CHARADAS

MEFISTOFÉLICAS

1) *Pecho* o presunto inteiro na gaveta; é o processo racional. (2-2) 3.

Sintra *Hélio*

2) *Estima* o *felicitoso* do íntimo do coração. (2-2) 3.

Porto *Miraluz*

(A todos os confrades)

3) *Preparei* esta charada, de modo a «*poder*» figurar no Quadro de Distinção... (2-2) 3.

Lisboa *Reinadio*
(S.C.L.-T.E.)

4) ... o *nono* dos gigantes estava de *sentinela*. Sofia, a heroína desta *história fabulosa*... (2-2) 3.

Caldas da Rainha
Rei Favor

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 5

5) Fizeste um *sucesso desastroso*, porque tinhas a *mania* de que era uma *espécie de abóbora*. (2-2) 3.

Lisboa *Veiga* (T. E. L.)

NOVÍSSIMAS

6) Esta *doença*, quando dá a «*um*» homem *doentio*, é muito difícil de curar. 2-1.

Lisboa *Autolino* (S. C. L.)

7) Na *casa* onde se recebem *favores* todos vão «*bater*». 2-1.

Belém do Pará *Athenas* (A. C. L. B.)

8) Uma *vida tranqüila* e satisfeita não se pode encontrar no convívio duma *mulher oíosa*. 3-1.

Ponta Delgada *Jobema* (...)

9) Que você *goste* da «*mulher*» do próximo, não está certo! Pois se ele há tanta «*mulher*»... 2-2.

Lisboa *Lérias* (T. E.)

10) *Final*, a *previdência* era uma *lasca* de ouro. 1-2.

Lisboa *Pinuca* (S. C. L.)

11) *Igual* ao *cego* de um *filho* é a *fêmea* do *paradal*. 1-2.

Luanda *Ti-Beadó*

ENIGMA FIGURADO

20) Queluz *Carlos Elmano* (T. E.)

12) A *aparência* do actual *governo* é grande, porque o *chefe* um grande «*homem*». 1-2.

Lisboa *Vidalegre*

SINCOPADAS

13) A *multidão* admirava a *joieira* onde se *queimavam* os *cadáveres*. 3-2.

Lisboa *Africanista* (T. E. L.)

14) *Lisongear* alguém é ajudá-lo a *viver*. 3-2.
Ponta Delgada *Jobema* (...)

15) ... e o *rancho* devorou o *bolo* feito de *fari-nha*, *queijo* e *mel* ... 3-2.

Lisboa *Micles de Tricles* (T. E.)

16) Não há, em ser *vadio*, qualquer *vanta-gem*. 3-2.

Lisboa *Olho de Lince* (T. E.; L.; S. C. L.)

17) Para fugir ao *exílio* é preciso *habili-dade*. 3-2.

Leiria *Pobre Marreco*

ENIGMA EM VERSO

18) Ao banco do Hospital da Caridade Foi conduzido um sábio, com urgência, Por carcer do auxílio da Ciência: Fractura ou lesões de gravidade.

Não supondo no sábio um seu confrade, Os internos mostraram a indolência Peculiar em face da indigência... Muito embora esta norma não agrade.

No entanto um sapiente cirurgião Observando uma esquirola aguçada, Tirou-a e pratica a redução...

— Minerva vos saúde, desnudada... (Diz o enfermo acordando)

— Sois então?

— «*Médico francês*», vosso camarada...

Lisboa *Zé Nabo* (T. E.)

LOGOGRIFO

(Aos confrades «*Vidalegre*» e «*Olho de Lince*»)

10) Andam sábios à porfia, Zaranzas, ao que parece, — [6-2-3-1. Procurando, noite e dia, O monstro de Lock Ness.

O animal em questão E' estranho à Zoologia, — [6-2-3-4 Para o ver, com atenção, Andam sábios à porfia.

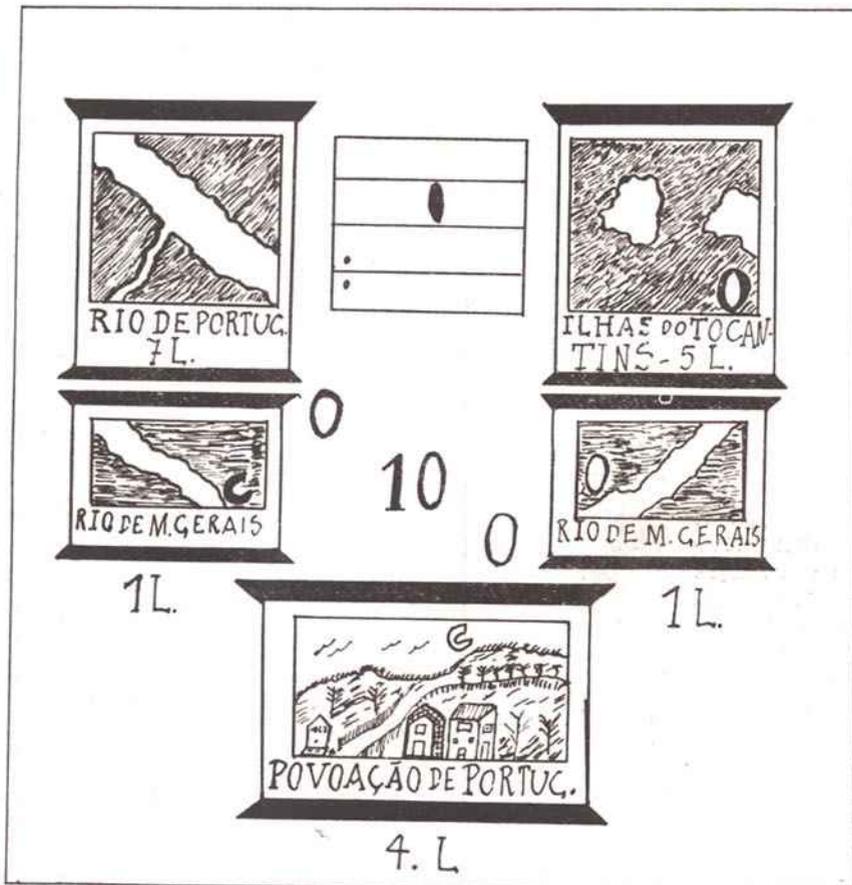
Mas já se diz, desgraça-dos, Que deste modo acontece, [5-9-7-8-4 Andarem amalucados, Zaranzas, ao que parece.

Mas não desistem, con-tudo, De lutar com valentia, — [7-1-8-4-7 Espreitam, revolvem tudo, Procurando, noite e dia.

E, se outra coisa não logra, A troupe não desfalece, Descobre ser uma sogra O monstro de Lock Ness...

Lisboa *Lérias*
(T. E.-T. E. L.)

Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a Luiz FERREIRA BAPTISTA, redacção da *Ilustração*, rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.



A GRAÇA ALHEIA

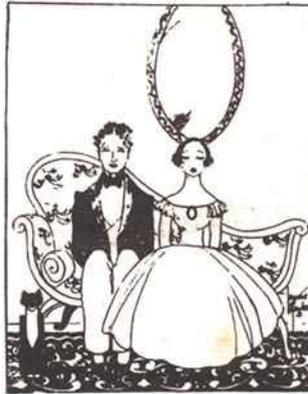
O amor e os moveis



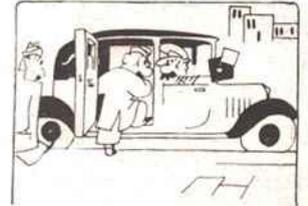
f — Porque não puzeste um papel em cima da cadeira?
— Não era preciso. Chego bem ao quadro...



— Não te compreendo. Para poder sair contigo, à noite, tomei uma creada de quarto para ficar com o nosso filho... E, agora, és tu que não queres sair...



No tempo dos moveis de linhas curvas as atitudes eram rígidas... Hoje... dá-se o contrário...



— Chauffeur... Onze, rua quatro de setembro.
— Muito bem... Mas de que ano?



A nova dactilógrafa Que diabo de máquina é aquela?



— Acha caro cem francos pela consulta? Pense, que por esse preço, he descobri nada menos do que sete doenças...

Bem prega frei Tomaz...



— É a última criação... Ao lado do relógio das velocidades, está outro que regula o número de prestações que falta pagar...



— Quer que o leve de automóvel?
— Para o meu negócio é melhor andar a pé...

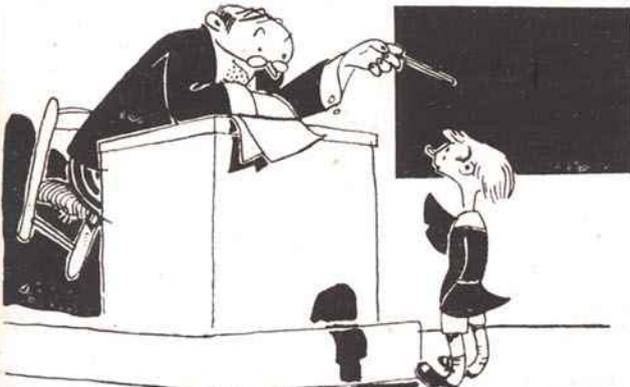


— O malandro diz lá no jornal que é socialista e aqui têm o dinheiro que se vê...



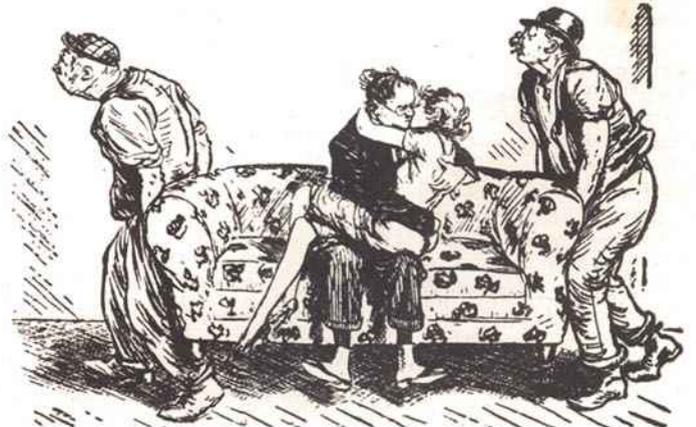
— Penses em suicidar-te, hoje, dia 13 e sexta-feira! Olha que pode ser azar!

Um professor moderno



— Quantas viagens fez Cristovão Colombo?
— Três.
— Em qual morreu?

Esquecimento Imperdoavel



— Esqueci-me dizer-te, meu amor, que não tinha pago ainda os moveis...



VIDA FEMININA

deiras últimas dela. Se o homem morre quem é que fica com o encargo dos filhos? Quem tem de os sustentar, de os educar? A mulher. E pode ela fazê-lo numa sociedade arruinada por revoluções, numa vida atormentada e instável? Não pode nem nunca poderá. A mulher tem de ser pacifista tem de fazer todo o possível por evitar guerras ou revoluções, em que ela só tem a perder. Pelo lado sentimental, arrisca-se a perder aqueles que estima e pelo lado material, fica muitas vezes numa desgraçada situação, que a lança na triste voragem da miséria. A mulher deve manter-se na sua doce missão de esposa, de mãe, de companheira e de educadora. Da desordem só lhe pode vir o mal, da violência a desgraça. Como esposa, seja qual for a sua situação social, não deve incitar o marido a lançar-se em aventuras políticas, que só lhe podem ser prejudiciais, em que pode perder a sua vida ou a sua liberdade. Como mãe deve compreender que nada mais nocivo para a educação dos seus filhos do que a desordem, que nada de bom lhes pode trazer. Tudo se consegue pela paz e nela tudo prospera e melhora em toda a escala social. E portanto a missão da mulher deve ser, seja qual for a sua classe, a de pacificadora, a de moderadora. E antes de pensar em excitar represálias, deve antes pensar no bem de todos, porque do mal só o mal pode vir e nunca a felicidade dos povos e dos particulares, pode florir no sangue e na chacina, na vingança e no ódio. Que a mulher se compeetre disto e exerça no mundo a sua tão bela e sagrada missão.

M. de E.

A moda

A PROXIMA-SE a primavera e começam a aparecer os primeiros vestidos de rua sem casaco. Os grandes abafos começam a ser demais. Há tardes frias em que voltamos às pelicas e aos grandes agasalhos. Mas na generalidade já se pode andar com os vestidos ou casacos de meia estação, sobretudo entre nós, que a primavera visita muito cedo. Por esse motivo damos hoje, às nossas leitoras, um lindo modelo de vestido de meia estação. Em fazenda de gorgurão de lã preta, dum corte elegantíssimo é guarnecido a «breitschwanz» a pele de meia estação. A elegantíssima «toilette» é completada por um graciosíssimo chapéu em setim branco. Duma graciosa forma de boina, êle tem o ar um pouco atrevido, dos chapéus que favorecem as mulheres elegantes. Damos também às nossas leitoras um lindo modelo de vestido de noiva da última elegância. Em setim branco a sua cauda tem as mais encantadoras miragens, nas pregas. Termina a «toilette». Um riquíssimo véu em renda antiga, do melhor gosto e riqueza, que dá a toda a «toilette» que é do mais requintado «chic» toda a beleza que êste vestuário exige. A «toilette» de noiva, para ser verdadeiramente bonita tem de aliar a simplicidade, a boa qualidade. Quem não pode fazer um vestido de noiva de boa qualidade, é preferível que se abstenha de casar de branco, porque nada há de mais triste do que ver um vestido de noiva em tecidos baratos, e, um véu mesquinho de pouco tule. A noiva se não deve abusar de guarnições, tem no entanto de estar bem vestida e com tecidos bons.

Para a noite damos às nossas leitoras um bonito e simples vestido «crêpe» mate branco muito original na sua forma não tem tecido no ombros e o vestido mantém-se com um bonito colar em cristal branco. É um vestido gracioso e aconselhável às senhoras de corpo perfeito e irreprensível de linhas. No penteado nota-se uma modificação. Os cabeleiros parisienses em vez de fazerem os caracóis na nuca como até aqui, fazem nos muito mais altos de maneira a fazer parecer o penteado alto, deixando a nuca livre o que dá à mulher um ar «degageé» que muito a favorece. O modelo desses penteados, que hoje damos às nossas leitoras é de Antoine o célebre cabeleiro de Paris que faz às mais elegantes parisienses, deslumbrantes cabeças que são uma maravilha de elegância e bom gosto. Este penteado tão artístico como gracioso atesta-o bem. É um modelo que deve ficar bem às senhoras portuguesas possuidoras de tão bons cabelos.

Vestidos compridos

Foi a rainha Vitória da Espanha quem consolidou a moda dos vestidos compridos, para a noite, e, mais compridos na rua. Os costureiros



POR toda a Europa rebentam revoluções, mas um sintoma verdadeiramente triste é ver nas notícias que nos chegam, que as mulheres tomam nas revoluções uma parte muito activa, e, que são elas as verdadeiras instigadoras dos homens. Em todas as épocas revolucionárias houve mulheres que se salientaram. Na Idade Média quando da «Jacquerie», essa revolução dos bolchevistas de então, as mulheres acompanhavam os homens empunhando chuchos e atirando pedradas. Na revolução francesa foram muitas as mulheres que intervieram e algumas, como Théroigne de Mericourt, salientaram-se pelas suas idéas sanguinárias e pela sua conduta desregrada. Em todas as épocas houve mulheres exaltadas, mas agora é pior e mais notável o seu número, o que não admira visto ser tão diferente a vida da mulher de hoje do que era então.

A mulher desportilva habituada a ser atiradora ao alvo, nadadora, a lutar com o perigo, mais apta está a auxiliar o homem nas suas exaltações. Foi o que agora se deu nas ruas de Paris e sobretudo nas de Viena de Austria, onde as mulheres, numa verdadeira loucura, durante os tumultos, que se deram nas ruas destas capitais, tamaram parte na luta, levando as armas e algumas atirando com tanta pericia como os seus companheiros. É triste que a mulher falseando a sua missão, acompanhe o homem nas suas iras, quando nem sempre está disposta a acompanhá-lo e a ampará-lo na luta pacífica pela vida de todos os dias. É essa a sua missão. A missão suave da paz, o ser a consoladora que o ampara e não a instigadora das suas cóleras, lançando-o uuma luta fratricida onde o sangue corre, onde êle perde a vida ou a faz perder aos outros, sem se lembrar, que êsses a quem o incita a matar têm mulheres que têm o direito à vida e filhos que podem ficar na orfandade, como pode suceder aos seus. Não é só os seus, que ela arrisca a perder a vida, e é para lamentar que essas mulheres não raciocinem pensando no mal que fazem, àqueles que estimam e à humanidade em geral.

O ódio é feio no homem, mas na mulher torna-se medonho. A vingança, êsse sentimento mesquinho, quando exercido pelo homem faz medo, mas quando é a mulher que o incita faz horror. A paixão política que torna feras os homens não deve nunca ser aumentada pelas mulheres, que no fundo são sempre as verda-

parisienses, tinham travado peleja com a mulher do mundo inteiro e elas sempre tão obedientes às suas ordens mostravam-se renitentes à sua sugestão. Parecia que a vitória caberia à mulher, mas mais uma vez venceram os ditadores da moda. Passou em Paris Vitória, então ainda rainha de Espanha e subjugada pela elegância dos vestidos de noite, que mais faziam sobressair a sua natural majestade, e, fez todos os seus vestidos compridos para cerimônia e mais compridos para a rua. A sua escolha foi o sinal do triunfo dos costureiros que em vão tentaram convencer as teimosas parisienses a aumentar uns centímetros nos seus vestidos de rua e a alongar os de noite. De repente ao ver a escolha da elegante e formosa rainha, todas se resolveram e as casas de modas, as modistas e todos os que trabalham na arte de tornar elegante e sedutora a mulher receberam encomendas de vestidos que satisfizessem a nova exigência da moda. A marquesa de Polignac, uma das senhoras que mais combateu pela conservação das saias curtas dizia num gracioso artigo: «Dantes quando as pernas eram escondidas pelas saias, a mulher não se interessava pela sua anatomia. A saia curta contribuiu para o melhoramento da raça, porque com ela despertou uma ciência nova, do que deve ser a forma e a beleza do corpo; as mulheres aprenderam, que a beleza das linhas deve ser fruto da disciplina imposta a si próprias e não a fitas e guarnições. Assim moveram grande batalha para melhorar as suas linhas. Banhos e ginástica fizeram milagres. O exercício não só fez obter bonitas pernas, como contribuiu em geral para a saúde da mulher». Mas o gesto da rainha Vitória optando pelos vestidos de noite compridos fez com que a mulher retomasse a sua passada elegância cheia de majestade.

Receitas de cozinha

Ovos nevados: Põe-se a ferver numa caçarola meio litro de leite, duas colheres de flor de laranja e sessenta gramas de açúcar. Batem-se em castelo seis claras de ovos, e com uma colher deita-se no leite uma colherada de cada vez das



claras mexendo-as de vez em quando para que cosam por todos os lados. Retiram-se as claras e quando estão todas cozidas fazem-se escorrer numa peneira e colocam-se numa tija de vidro. Deixa-se esfriar um pouco de leite batem-se as gemas e deitam-se no leite, vai ao lume mexe-se até engrossar, depois dum pouco arrefecido deita-se sobre as claras esse crême e serve-se.

Omelette francesa: Batem-se as gemas de ovos com bocados de fiambre e salsa picada, tempera-se com sal. Batem-se as claras em neve e junta-se tudo. Entretanto tem-se ao lume uma caçarola com bastante azeite frito e quando está bem quente deita-se a massa mexendo-a bem para que coahe por dentro, enrola-se e volta-se para que fique dourada por todos os lados,

Vítimas da ciência e da humanidade

N um dos mais belos pontos da Europa, na Costa Azul, próximo de Nice, entre pinheiros e magnólias, no meio de prados floridos de violetas e narcisos, no verde eternamente primaveril, eleva-se um edificio trágico. Aquele, dos Macacos Moribundos. Lendo a noticia de qualquer operação de rejuvenescimento, pensaram alguma vez onde vão acabar os macacos sacrificados a um talvez efêmero bem da humanidade? Vão acabar ali, perto de Nice. Ironia do destino. No mesmo lugar, a pouca distância, são criados os pobres macacos que serão vitimados. Primeiro tinham pensado em manda-los outra vez para os bosques nativos, mas além de ser muito dispendioso o transporte, os animais não estavam em circunstâncias de fazer a vida dos bosques. Por isso foi construído o estranho asilo. A lenta agonia dos pobres animais é aliviada por todos os meios, tratamento requintado, as melhores frutas, gaiolas ótimas, guardas que os estimam. As tentativas de fuga são muito raras e limitam-se quasi sempre a uma ascensão aos mais altos ramos duma amendoeira ou duma cerejeira. Dificilmente é permitida a visita ao seu estranho refugio.

O homem ou a mulher que se submete a uma operação de rejuvenescimento, começa por comprar a glândula e com ela todo o animal, mas poucos fazem uso da propriedade, porque não é fácil ter em casa um macaco e não é alegre vê-lo definhir por ter dado uma fictícia juventude. Uma senhora que por reconhecimento tinha querido ter consigo o animal sacrificado, arrependeu-se amargamente. A alegria da operação, cheia de sucesso, foi arruinada. Ao principio os animais estão alegres e fortes porque a operação não é dolorosa, mas depois de algum tempo começam a sentir-se fracos e a cair numa sonolência. Não sobrevivem mais dum ano. Às vezes caem imediatamente num letargo. Então uma caridosa injeção faz com que morram sem dar por isso.

São as verdadeiras vítimas do egoismo da humanidade e do seu desejo de juventude.

Uma poetisa e os seus versos

A sr.^a D. Candida Aires de Magalhães é uma das nossas melhores poetisas. Voz de ouro, é um dos maiores encantos ouvi-la dizer os seus versos.



A sua natural distinção, a suavidade e a doçura da sua maneira de dizer maravilham os que a ouvem. Filha do poeta Cristovão Aires de Magalhães, sobrinha de D. Maria Amália Vaz de Carvalho, ela tem no seu talento a ancestralidade do valor. Damos às nossas leitoras os versos com que ofereceu a sua illustre tia o livro, que esta senhora prefaciou:

Treva luminosa

À minha «quasi mãe», é neste instante que parte para a vida o meu livrinho; vai pela tua mão, vai confiante, não tem medo ao caminho. E eu beijo, fervorosa, a doce mão que, sendo pequenina, é forte e gloriosa; e ajoelho ante a alma peregrina que, em dor crucificada, em dor suprema, da sua própria treva ainda ilumina, como palavras de luz, o meu poema; e, assim ó alma grande e generosa, alma egregia e divina, a tua treva é... treva luminosa.

Pensamentos

Quem sabe viver com pouco, nada lhe falta. Todo o poder é fraco, se não estiver unido.

(La Fontaine).

PIM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — 3, 2.
Copas — 5, 3.
Ouros — 4, 2.
Paus — R. 8, 7, 6, 5, 3, 2.

Espadas — R. 7, 6, 5, 4, 2, 1. **N** Espadas — V. 9, 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2. **O** Copas — A. D. 8, 7, 6, 5, 4, 3, 2. **E** Copas — 10, 7, 6, 5, 4, 3, 2. **S** Ouros — 7, 6, 5, 4, 3, 2, 1. **S** Paus — D. 4.

Espadas — A. D. 10.
Copas — R. V. 9.
Ouros — A. R. V. 10.
Paus — A. 10, 9.

S anuncia 2 sem-trunfo, N 3 paus e S 3 sem-trunfo, O sai com o 4 de copas e N (a manca) mostra o seu jogo.

A primeira vasa pertence ao Valete de copas de S sobre o 10 de E. Depois S joga o As de paus sobre o qual caem o Valete de O e o 4 de E.

Como deve S jogar para cumprir a marcação?

Este problema é muito interessante por permitir a O jogar de diversas formas, havendo contudo, uma apenas em que consegue evitar que S não faça mais uma vasa além das marcadas.

(Solução do numero anterior)

S joga o 4 de paus. N faz o Rei e joga o 7 de espadas que S corta.

S joga o 2 de ouros, O entra com o valete e joga paus ou copas.

Se joga paus, N faz o Az e trunfa para obrigar O a fazer vasa com a Dama.

O joga paus que N corta e, conforme E se balde a ouros ou espadas, joga ouros ou espadas.

Se O joga copas, faz a dama e têm de jogar paus. N faz o Az e trunfa, jogando depois espadas ou ouros, conforme E se balde a espadas ou ouros

As invenções

Algumas invenções do ano transacto, de 1933, no meio daquelas que se expõem na «White City» de Londres, são de veras surpreendentes. Ali se vê, entre outras, uma fechadura que, segundo nos dizem: «Regista em letras impressas, a hora em que a porta foi fechada à chave e tornada a abrir, e por quem. «Revela se alguém voltou ao escritório depois d'ele fechado, quem era esse alguém e quanto tempo lá esteve.»

Só o que resta agora é inventar-se um revólver que diga o nome do homem a quem matou, registre as suas últimas palavras e dê um *fac-simile* da sua assinatura.

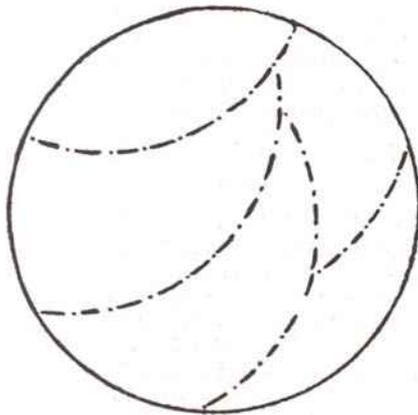
Xadrez

(Solução)

Branças Pretas
1. B 2 D Se 1. T x C +
2. D x T mate
em qualquer das outras variantes
2. D x P mate

O prato quebrado

(Solução)



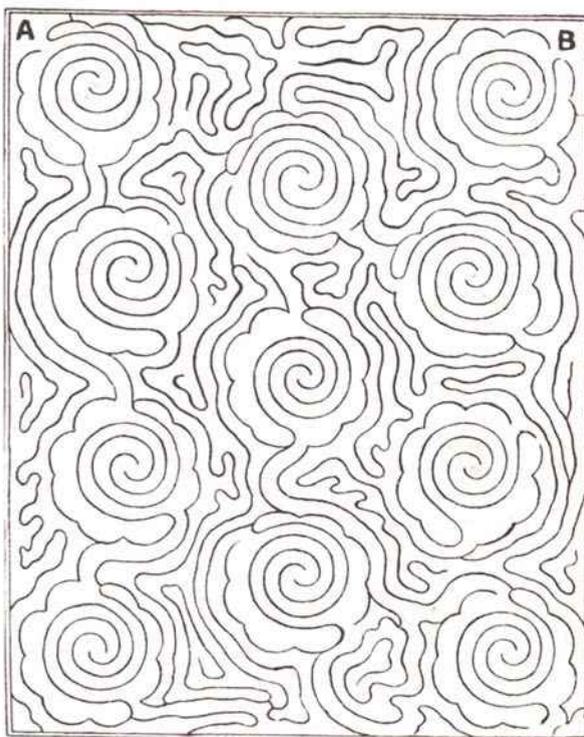
A figura mostra a forma como devem juntar-se os pedaços do prato.

Tudo se aproveita...

No Museu de Historia Natural de Soleure, na Suíça, pode ver-se um ninho de passaros feito com cordas e cabelos de relóios do bolso.

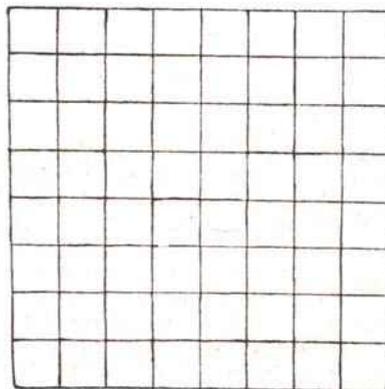
Não é coisa artificial. Como se sabe, nesta povoação há muitos relojoeiros que naturalmente, deitam fóra, às montureiras, as cordas e cabelos dos relóios que não prestam. A falta de outro material, os passaros foram ali buscar este para fabricar o ninho.

Labirinto



Entra-se em A e sae-se em B, sem cortar nenhuma linha, nem passar duas vezes pelo mesmo ponto.

O quadrado misterioso



A figura representa o taboleiro de xadrez com as suas 64 casas. Corte-se em três pedaços e unam-se depois esses três pedaços, segundo uma nova disposição, da qual resulte um rectângulo com 63 casas em vez de 64.

Selos antigos

O primeiro selo do mundo não têm ainda uma centena de anos; foi posto em circulação em Inglaterra, no dia 13 de Maio de 1840, isto é há 93 anos. Foi inventado por sir Rowland Hill e desenhado e composto pelo celebre pintor inglês Mulready.

«Bar dos cães»

Há nos Campos Elisios, em Paris, uma pequena fonte de água corrente, baixa e elegante, a que chamam o «bar dos cães», que o Município ali pôs, para dessedentarem os cães que em tão grande número por ali passeiam. Mais abaixo, cêrca do Arco de Triunfo, ha também um hotel que tem anexo um canil-restaurante onde os donos, enquanto comem ou dansam, depositam os seus cães e onde os tratam convenientemente a «sandwichs» de Yorch...

Preceitos de Rothschild

Um dos antecessores, não muito remotos, da familia dos multi-milionarios Rothschild, teve o capricho de ornamentar o seu escritorio comercial com enormes letreiros artisticos, nos quais se liam os seguintes letreiros:

- Evita os licores.
- Procura ir sempre para diante.
- Nunca desanimas.
- Não fales nunca dos teus negocios.
- Sê cortês com toda a gente.
- Emprega bem o tempo.
- Sê activo em tudo.
- Paga prontamente as tuas dividas,
- Suporta com paciencia os incómodos.

Pensamentos

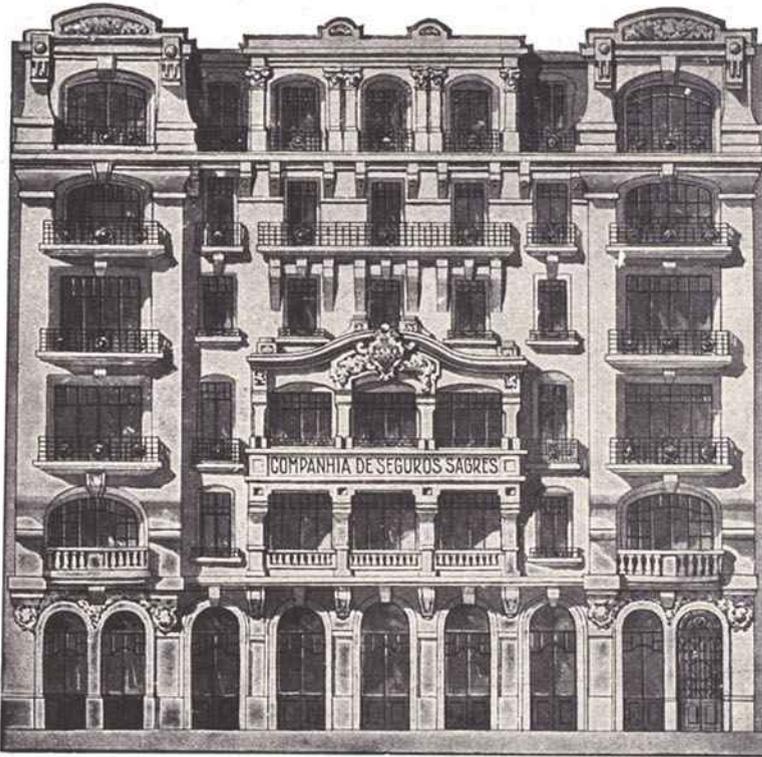
Todo aquele que sabe aplicar a solidão, até num calabouço é livre.

O homem que não tem inteireza de carácter, não é um homem, é uma coisa.

Todos os raciocinios do homem não valem um único sentimento da mulher.

A mulher nunca repara no que se faz por ela. Só vê aquilo que se deixa de fazer.

SAGRES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES: 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

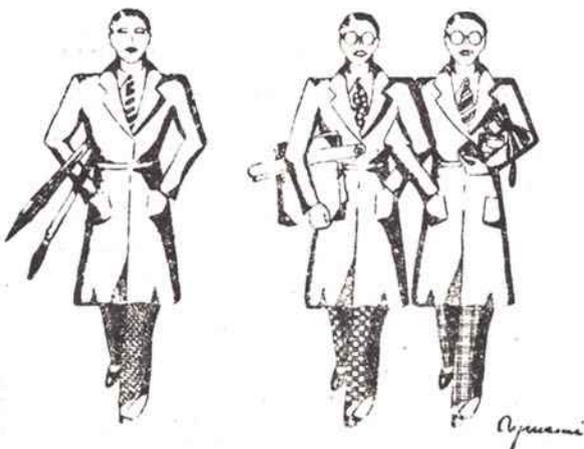
O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

GRAVADORE/

IMPRESSORES/



TELEFONE
2 1368

**BERTRAND
IRMÃOS, L. DA**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL



Banhos de agua termal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

Saiu o tomo 36 completando o 3.º e último volume da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sêlos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS DURANTE ALGUMAS SEMANAS

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00
 " " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS

DE

JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M.ª X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 15\$00; br....	8\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ...	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. ...	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ...	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ...	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. ...	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. ...	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br. ...	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ...	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ...	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. ...	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. ...	4\$00
PACO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISICÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. ...	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. ...	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. ...	5\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ...	3\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ...	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80 - LISBOA
 OU À LIVRARIA BERTRAND
 Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI-
NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segredo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS ÍNDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segredo terrível*. 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIOS VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*. 1 vol.
- 44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justica!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CAEO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses
(S. A. R. L.)

Excursões ao Algarve

durante os meses de Fevereiro e Março
época das

AMENDOEIRAS EM FLÔR

PARTIDAS

de LISBOA-T. do Paço

ITINERÁRIO (via Sado):

LISBOA — Vila Rial — Lagos
ou
— Lagos — Vila Rial
e VOLTA

com direito a paragem, à ida e à volta, em tôdas as estações algarvias além de Tunes.

Bilhetes válidos durante
10 DIAS
improrrogáveis

devendo a viagem de regresso, da última estação algarvia de paragem, iniciar-se até às 24 horas do 10.º dia de validade.

Preço por passageiro:

em 1.^a classe . . . **169\$**
» 2.^a » . . . **125\$**

do PÔRTO

ITINERÁRIO (via Norte-Sado):

PÔRTO — Lisboa — Vila Rial — Lagos
ou
— Lisboa — Lagos — Vila Rial
e VOLTA

com direito a paragem, à ida e à volta, em Lisboa e em tôdas as estações algarvias além de Tunes.

Bilhetes válidos durante
12 DIAS
improrrogáveis

devendo a viagem de regresso, da última estação algarvia de paragem, iniciar-se até às 24 horas do 12.º dia de validade e não podendo a partida de Lisboa fazer-se depois do 13.º dia.

Preço por passageiro:

em 1.^a classe . . . **316\$**
» 2.^a » . . . **228\$**

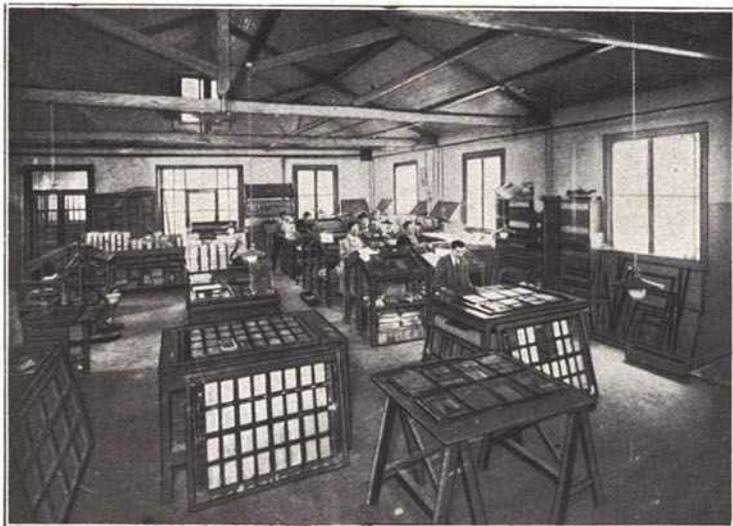
A travessia da Capital é de conta dos Srs. Passageiros

O prazo de validade começa a contar-se no dia da venda

Aos portadores destes bilhetes permite-se a utilização dos comboios rápidos, mediante pagamento das taxas de velocidade. É permitida a mudança de classe como se o passageiro fôsse portador de bilhete da Tarifa Geral. Estes bilhetes não dão direito a transporte gratuito de bagagem registada. Em tudo o mais regulam as condições da Tarifa Geral. Estes bilhetes estarão à venda desde 1 de Fevereiro até 15 de Março nas Estações de Lisboa-Rossio e Lisboa-T. do Paço e na do Pôrto.

Lisboa, 27 de Janeiro de 1934.

O Director Geral da Companhia — *A. de Lima Henriques*



Oficina de composição

IMPRENSA PORTUGAL BRASIL

Telefone: 2 0739

RUA DA ALEGRIA, 30
LISBOA

As mais modernas instalações do país e aquelas que maior capacidade de produção possuem



Secção especial de publicações ultra-rápidas

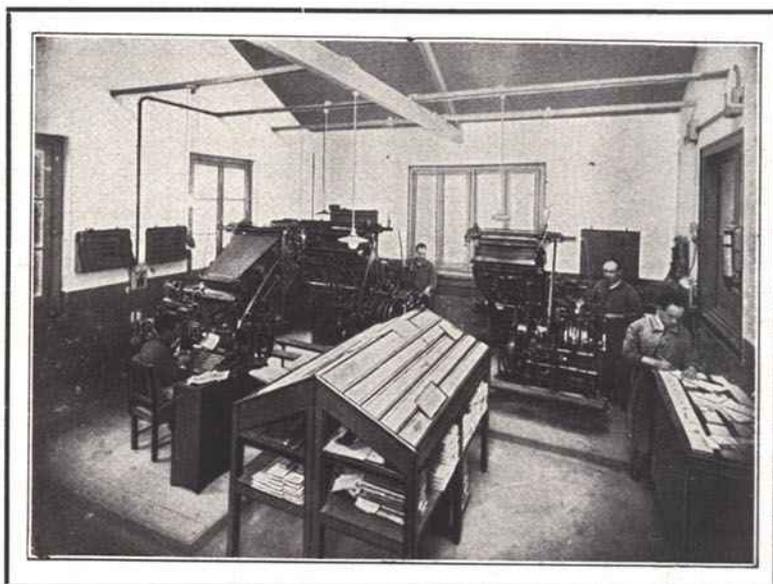


LIVROS, RELATÓRIOS, ETC.

TRABALHOS
COMERCIAIS

INEXCEDIVEL
PERFEIÇÃO

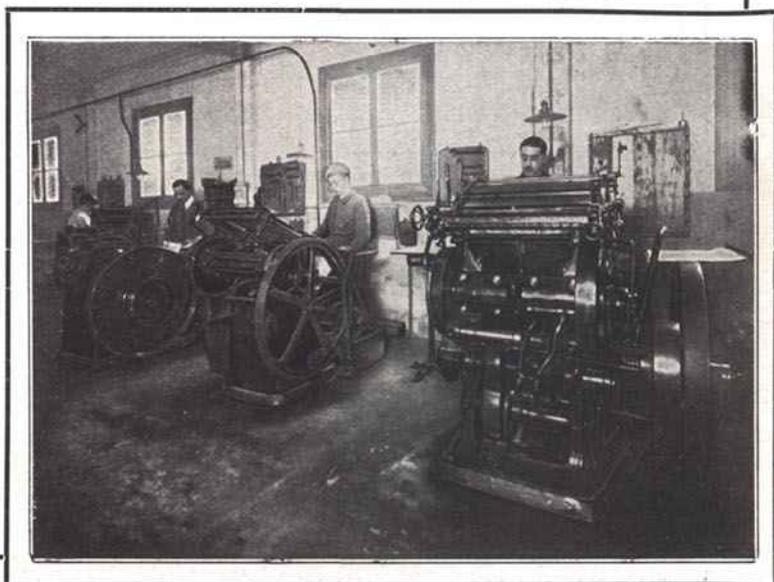
ORÇAMENTOS GRATIS



Oficina de composição mecânica

É nestas oficinas que se imprimem os belos trabalhos gráficos de

Ilustração,
Almanaque
Bertrand
e
História
da
Literatura



Oficina de impressão

'Gosto tanto da Ovomaltine!...'



A Ovomaltine é o alimento predilecto das crianças, porque lhes fornece as energias necessarias dispendidas durante um dia de descuidada brincadeira. Esta deliciosa bebida alimentar contém numa forma concentrada, mas facilmente digerivel, todos os elementos nutritivos essenciaes para a formação de organismos e nervos saudaveis, e espiritos alegres

A Ovomaltine é preparada com malte

da melhor qualidade, leite e ovos frescos. Ao contrario das imitações, não contem assucar vulgar, que aumentando o volume lhe reduz o preço.

A Ovomaltine tem uma percentagem de 100 % de alimentos nutritivos e considerando a sua superior qualidade, é a bebida tónica alimentar mais barata que se póde comprar. Há só uma Ovomaltine, nada há que a substitua.

A vende em todas as farmacias, drogerias e boas mercearias em latas de 110, 250 e 500 gramas, nos preços de Esc. 8550, 16500 e 30500

DR. A. WANDERS S. A. Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.ª (IRMÃOS)

RUA DOS CORREIROS, 41-2.ª - LISBOA